

Rev.

A. 1170

M

INTERNATIONAL
140
140

FÁTIMA • 50

Ano II - Nº 13 13/Maio/1968





FÁTIMA E A FÉ

«Em Portugal se conservará sempre o dogma da fé», lê-se nos escritos da Irmã Lúcia, imediatamente após o anúncio de quantas calamidades advirão ao Mundo e à Igreja de se não cumprirem os pedidos da Mãe de Deus.

Não somos obrigados a crer nem a descreer destas palavras. Mas é, para nós, consoladora esperança esta afirmação, depois de constatar como outras profecias de Fátima se têm realizado.

DEPÓSITO LEGAL

-0. JUL. 1968

1170

FÁTIMA-50

INTERNATIONAL

Ano II-Nº 13 13/Maio/1968

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,
DOCUMENTAL E ILUSTRADA
(ESPAÑOL, FRANÇAIS, ENGLISH)

Enquanto o mundo é violentamente sacudido por vagas sucessivas de dúvida e incredulidade que não poupam nem sequer as verdades primárias no conceito e fundamentais na essência da nossa Religião Católica, sustenta a nossa indefectível adesão à Fé e à Igreja, a promessa da Virgem Maria: «**Em Portugal conservar-se-á o dogma da fé . . .**»

Um Povo sem fé em Deus não pode subsistir na integridade dos princípios que o constituem em liberdade e justiça uma vez que justiça e liberdade são palavras vazias de sentido se não se apoiam na Verdade de Deus.

Paulo VI recordou-no-lo na Cova da Iria, há precisamente um ano: «**A fé em Deus é a luz suprema da humanidade; e esta luz não só não deve apagar-se no coração dos homens mas, pelo contrário, deve reacender-se por meio do estímulo que lhe vem da ciência e do progresso.**»

A Mensagem de Fátima, como ideal de penitência que está na origem de todo o progresso humano uma vez que supõe a conversão do homem à verdade, justiça, liberdade e amor, é uma mensagem de fé ou, para seguir o pensamento do Papa, «**um estímulo para avivar a fé.**»

Neste sentido celebramos o Ano da Fé e lhe consagramos o primeiro pensamento ao iniciar o segundo ano de publicação da nossa revista, em vésperas do encerramento do ano comemorativo do XIX Centenário do Martírio dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, colunas da Igreja da qual Maria é Mãe.

Encerramos, por nossa parte, o Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria, apontando o exemplo de fé que a Virgem Maria significa. D'Ela afirmou Santa Isabel, inspirada pelo Espírito Santo: «**Bem-aventurada tu, porque acreditaste!**»

Repetimos, com humildade, a proclamação da fé da Santíssima Virgem e com fé invocamos a Sua protecção para que, como Mãe da Igreja, conserve a Igreja de Seu Filho incólume e a todos os Seus filhos na obediência e fé.

O. F.

Editor e Director:

Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

Chefe de Redacção:

Dr. MÁRIO MANUEL D'OLIVEIRA FIGUEIREDO

Propriedade do SANTUÁRIO DE FÁTIMA

Dir. Literária e Artística: MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção, Administração e Publicidade:

SANTUÁRIO DE FÁTIMA . Telef. 97468

PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual

(12 números) — 100\$00 — Exemplar avulso: 10\$00

Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 120\$00

Outros países — Assinatura anual: 130\$00

PRIX D'ABONNEMENT - 12 numeros (un an): 130\$00

Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour.

SUBSCRIPTION RATES - Series of 12 copies (1 year):

130\$00 — Payment may be made in any currency at

rate of exchange of the day.

SUSCRIPCIÓN ANUAL: 120\$00. El pago puede hacerse efectivo mediante giro postal o cheque bancario.

NESTE NÚMERO :

ACTUALIDADES

Peregrinações 10
Fátima no Mundo..... 34

DOCUMENTOS

Para uma definição da Paz segundo a Mensagem de Fátima 4

COLABORAÇÕES

Carta aberta do C. Barthas 24
O Rosário pela Bíblia 26
Filatelia 33

TESTEMUNHOS

Fátima e a Fé 2
Homilia do sr. Administrador Apostólico do Porto 22

ILUSTRAÇÕES

Fotos a cores, (Aspectos da Peregrinação do Porto) de Mário de Figueiredo ; fotos a preto e branco, de «MARINHO», Mário de Figueiredo e David d'Oliveira

RESUMOS

Resúmenes — Résumés — Summary 32

Accepta-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.

«FÁTIMA-50» declina toda a responsabilidade sobre os originais que não forem solicitados directamente. Não obstante agradece toda a colaboração espontânea que, se for conveniente, será devidamente retribuída.

Composto e impresso por GRIS, IMPRESSORES, S.A.R.L., Cacém/Portugal.

PARA UMA DEFINIÇÃO DA PAZ SEGUNDO A MENSAGEM DE FÁTIMA

MÁRIO DE FIGUEIREDO

III-PAULO VI

«Declaramos desde já que nos sentimos particularmente obrigados a dirigir à grande e universal questão da Paz do Mundo não só a nossa vigilante e cordial atenção mas também o mais assíduo e eficaz interesse. Contido no âmbito do nosso ministério e alheio, portanto, a qualquer interesse puramente temporal e às formas pròpriamente políticas, é solícito por contribuir para a educação da humanidade nos sentimentos e nos procedimentos contrários a todo o violento e homicida conflito e favoráveis a toda a civil e racional regulação pacífica das relações entre as nações; solícito, também, por assistir, com a proclamação dos princípios humanos superiores que possam ajudar a suavizar os egoísmos e as paixões onde quer que brotem os recontros bélicos, para a harmónica convivência e a futura colaboração entre os Povos; e de intervir, onde nos seja oferecida essa oportunidade, para cooperar com as partes contendedoras para conseguir honrosas e fraternas soluções». — Ecclesiam suam, n.º 11.

Assim inicia a sua primeira, Encíclica, 1964 o Papa Paulo VI, marcando logo a linha de rumo do seu pensamento, a orientação do zelo pastoral do seu pontificado pelo que diz respeito às relações da Igreja com o Mundo.

Deste interesse, desta particular obrigação de dirigir à grande e universal questão da Paz do Mundo toda a vigilante e cordial atenção, brota uma literatura abundante sobre o tema da Paz que nos proporciona matéria para demorada meditação e para muitas e sérias reflexões. A dificuldade reside apenas na escolha, entre tantos e tão importantes documentos, todos eles de uma flagrante actualidade, dos mais expressivos e particularmente relacionados com o nosso propósito de conseguir forjar uma definição da Paz segundo a Mensagem de Fátima sob a orientação da Igreja.

Alguns desses documentos estão directamente relacionados com Fátima, concretamente com a



Paulo VI em Fátima, 13 de Maio de 1967

Mensagem de Fátima, tendo mesmo um deles sido pronunciado na Cova da Iria. A razão que trouxe o Papa ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima foi precisamente a «de orar pela paz na Igreja e pela paz no Mundo» e daqui fez um dramático apelo aos homens para que façam a penitência necessária para se conseguir a Paz, oferecendo-se ele mesmo como exemplo. Na palavra e no gesto que acompanham a «peregrinação de Paz» estão contidos os dois elementos da Mensagem — Penitência e Oração — e tópicos de uma autêntica definição da Paz.

Vejamos, senão, como já na comunicação que fez em Roma anunciando a sua peregrinação, enuncia esses elementos: «... Quero dar-vos a notícia da nossa próxima peregrinação a Fátima para honrar a Maria Santíssima e invocar a Sua intercessão a favor da Paz na Igreja e no Mundo ... A razão espiritual, que pretende dar a esta viagem o seu próprio significado, é a de rezar, mais uma vez, e com mais humildade e devoção se é possível, pela Paz ...

... Não nos é menos grata a paz cívica e social do Mundo, a Paz da Humanidade. Constatamos que este nome bendito, esta causa suprema da Paz penetra cada vez mais na consciência dos homens como postulado indispensável de todo o bem estar e de todo o progresso e como coroa desejável, sobre todas as coisas, de todos os esforços tendentes a dar ao homem uma vida mais digna na Verdade, na Justiça, na Liberdade e no Amor (como proclamou o Nosso venerando predecessor João XXIII).

... Em princípio, ninguém rejeita a Paz ... Mas vemos levantar-se tantos obstáculos não só ao desenvolvimento da Paz o que, como escrevemos na nossa primeira Encíclica, exige grandes e sérias providências e cuidados, mas também a própria estabilidade da paz actualmente existente no Mundo ...

... Deixando a quem de direito o juízo e a acção no plano temporal Nós, sem perdermos a confiança nos homens, recorremos à esperança que nasce de outra causalidade, que nunca se cansa e nunca se aparta de nós, a da bondade de Deus nosso Pai. E, para merecermos a intervenção decisiva desta misteriosa e providente causalidade, devemos por-nos em condições de experimentar uma vez mais a sua inefável e onnipotente assistência: recorramos à oração.

... E Àquela que, para a incolumidade deste nosso mundo moderno Se dignou mostrar uma vez mais o Seu rosto maternal, doce e luminoso aos pequeninos, aos pobres, e recomendou, como remédios soberanos a oração e a penitência, levantamos as nossas preces. Esta é a razão da nossa peregrinação.»

E muito antes, no encerramento da III Sessão do II Concílio do Vaticano, ao proclamar Maria Santíssima como Mãe da Igreja, se referira à consagração feita por Pio XII ao Imaculado Coração de Maria, «em horas de máxima angústia», para obter assim a ansiada e prometida Paz. E não foi apenas referência, foi renovação da consagração «considerando as gravíssimas necessidades que presentemente nos afligem». Isto o repetiu no Breve Pontifício em que concede a Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima, durante cuja cerimónia de entrega proferiu as seguintes palavras que extráimos do discurso lido em português, desde Roma, para os peregrinos da Cova da Iria: «Nesta hora em que Portugal inteiro ajoelha aos pés da Senhora de Fátima, em oração e penitência, desejamos também, amados filhos, levantar as nossas preces, juntamente convosco à Mãe de Deus e nossa Mãe, e pedir-Lhe que lance o Seu olhar maternal sobre o Mundo ainda tão afastado do Seu Divino Filho, e

obtenha uma sincera e perene reconciliação dos homens com Deus.» Se, porventura, não se quisesse interpretar esta palavra como sinónimo de penitência para a Paz, então acrescente-se-lhe esta outra que nos oferece o outro polo indispensável, o da oração: «Levantai as vossas orações juntamente connosco, à nossa Mãe do Céu, pedindo-Lhe que abençoe o Mundo e lhe obtenha de Deus a justiça e a paz».

Chegado a Portugal, após breves palavras de saudação, repetiu imediatamente ao que vinha, tão profunda era a sua preocupação, ou seja de que vinha, como humilde peregrino, orar a Nossa Senhora pela Paz na Igreja e no Mundo.

Concretas são as suas palavras sobre o assunto que abordamos, ao concluir a sucinta mas completa homília de 13 de Maio de 1967: «Vêde, Filhos e Irmãos que aqui nos escutais, o quadro que Nossa Senhora abre aos nossos olhos, quadro que contemplamos com olhos aterrorizados mas sempre confiantes; o quadro do qual nos aproximaremos sempre — assim o prometemos — seguindo a admoestação que a própria Nossa Senhora nos deu: a da oração e da penitência. E, por isso, queira Deus que este quadro do Mundo nunca mais venha a registar lutas, tragédias e catástrofes, mas sim as conquistas do amor e as vitórias da Paz».

Antes de apresentar as palavras conclusivas que, nesta mesma homília, nos apresentam a Paz como resultado da Penitência e da Oração, convém-nos referir o quadro do Mundo sem Paz, do Mundo cujas condições só podem originar a guerra, tal como no-lo apresenta o Papa: «... O Mundo acha-se numa fase de grande transformação por causa do seu enorme e maravilhoso progresso, na consciência e na conquista das riquezas da Terra e do Universo. A primeira causa desta sua inquietação é a dificuldade que encontra em estabelecer a concórdia, em conseguir a Paz. Tudo parece impelir o Mundo para a fraternidade, para a unidade e, no entanto, no seio da Humanidade descobrimos ainda tremendos e contínuos conflitos. Dois motivos principais tornam, por isso, grave, esta situação histórica da Humanidade: possui um grande arsenal de armas terrivelmente mortíferas, mas o progresso moral não iguala o progresso científico e técnico. Além disso, grande parte da Humanidade encontra-se ainda em estado de indigência e de fome, ao mesmo tempo que nela se acha tão desperta a consciência inquieta das suas necessidades e do bem-estar dos outros. É por este motivo que dizemos estar o Mundo em perigo. Por este motivo viemos nós aos pés da Rainha da Paz a pedir-Lhe a Paz, dom que só Deus pode dar».

Vejam agora, em moldes de penitência e oração o que é a Paz nas palavras de Paulo VI pronunciadas em Fátima: «Sim, a Paz é um dom de Deus que supõe a intervenção de uma acção do mesmo Deus, acção extremamente boa, misericordiosa e misteriosa. Mas, nem sempre é dom miraculoso; é dom que opera os seus prodígios no segredo dos corações dos homens; dom que, por isso, tem necessidade da livre aceitação e da livre colaboração da nossa parte. Por isso, a nossa oração, depois de se ter dirigido ao Céu, dirige-se aos homens de todo o Mundo: Homens, dizemos neste momento singular, procurai ser dignos do dom divino da Paz. Homens, sede homens. Homens, sede bons, sede cordatos, abri-vos à consideração do bem total do Mundo. Homens, sede magnânimos. Homens, procurai ver o vosso prestígio e o vosso interesse não como contrários ao prestígio e ao interesse dos outros, mas como solidários com eles. Homens, não penseis em projectos de destruição e de morte, de revolução e de violência; pensai em projectos de conforto comum e de colaboração solidária. Homens, pensai na gravidade e na grandeza desta hora, que pode ser decisiva para a história da geração presente e futura; recomeçai a aproximar-vos uns dos outros com intenções de construir um Mundo Novo. Sim, um Mundo de homens verdadeiros, o qual é impossível de conseguir se não tem o sol de Deus no seu horizonte. Homens, escutai, através da Nossa humilde e trémula voz, o eco vigoroso da Palavra de Cristo: Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra; bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus».

Nestas palavras de Paulo VI está bem patente que a Paz é penitência: — pede-se uma conversão total dos homens em todas as suas intenções. Pede-se, sobretudo, aos homens, que sejam simplesmente homens. A palavra de São Paulo que nos diz: «Revesti-vos do homem novo segundo Cristo», tem aqui a sua expressão actualizada. E a consequência desta renovação na penitência que acabará num Mundo Novo, será a de que os homens serão considerados filhos de Deus por serem pacíficos. Quanto à oração, não só se constata a sua necessidade ao longo de todo o discurso do Papa, na reiteração da sua vontade de «vir rezar pela Paz», mas também e sobretudo quando se afirma: «a Paz é um dom de Deus que supõe a intervenção de uma acção do mesmo Deus «... Por isso a Nossa oração, depois de se ter dirigido ao Céu ...»

Passemos agora a considerar outros documentos de Paulo VI, concretamente consagrados à Paz, verificando quanto neles se nos oferece para uma definição da mesma em termos de

penitência e oração segundo a Mensagem de Fátima.

Começamos pelo discurso pronunciado na Sede das Nações Unidas, 4 de Outubro de 1965. Em certa altura, diz o Papa: «Nós somos o representante de uma Religião que opera a salvação pela humildade. Porque é o orgulho, por mais inevitável que possa parecer, que provoca as tensões e as lutas do prestígio, do predomínio, do colonialismo, do egoísmo: é ele que quebra a fraternidade». Consequência lógica: a penitência é a paz, porque a penitência é a humildade da verdade, da justiça, do serviço dos irmãos.

Quanto a propósitos imediatos de penitência, como reviravolta interior e exterior em tudo quanto não é recto, estas outras palavras do mesmo discurso: «Chegará um dia o Mundo a mudar a mentalidade particularista e belicosa que até agora tem tecido uma tão grande parte da sua história? É difícil prevê-lo. Mas é fácil afirmar que é necessário meter-se resolutamente a caminho para a nova história, a história pacífica, aquela que será verdadeiramente e plenamente humana; aquela que Deus prometeu aos homens de boa vontade. Os caminhos estão traçados diante de vós: o primeiro é o desarmamento.»

Note-se a semelhança entre estas palavras e as que acima se referem, pronunciadas na Cova da Iria: «... É necessário meter-se resolutamente a caminho para a nova história», diz-se aqui. «... Recomeçai a aproximar-vos uns dos outros com intenções de construir um Mundo Novo...», afirma-se ali.

Como penitência significa igualmente progresso espiritual e económico para abranger o homem total; progresso sem o qual não há justiça, a paz, no pensamento claro de Paulo VI, pensamento já afirmado pelos seus predecessores, significa também progresso ou, o que é a mesma coisa, progresso é o novo nome da Paz, Paulo VI insiste neste importante pormenor: «Nós sabemos, o que muito Nos alegra, que muitos de entre vós consideram favoravelmente o convite que lançámos a todos os Estados a favor da causa da Paz, em Bombaim, em Dezembro passado: consagrar ao benefício dos países em vias de desenvolvimento ao menos uma parte das economias que podem ser realizadas graças à redução dos armamentos...» Verifica-se nesta pequena passagem o mais genuíno sentido de penitência: acabar com o mal e enveredar imediatamente pelo caminho do bem: reduzir os armamentos, empregar as economias deduzidas no desenvolvimento dos povos.

E o Papa insiste: «... Aqui se instaura um sistema de solidariedade que faz com que

elevadas finalidades, no sentido da Civilização, recebam o apoio unânime e ordenado de toda a família dos povos, para o bem de todos e de cada um. É o que há de mais belo na Organização das Nações Unidas, é o seu rosto humano mais autêntico — é o ideal com que sonha a Humanidade na sua peregrinação através do tempo — é a maior esperança do Mundo, ousaremos até dizer: é o reflexo do desígnio de Deus — desígnio transcendente e pleno de amor — para o progresso da sociedade humana sobre a Terra, reflexo em que nós vemos a mensagem evangélica de celeste fazer-se terrestre ...» «... O que vós proclamais aqui são os direitos e os deveres fundamentais do homem, a sua dignidade, a sua liberdade e sobretudo a liberdade religiosa. Sentimos que vós sois os intérpretes do que há de mais alto na sabedoria humana, quase diríamos: o seu carácter sagrado. Porque é, antes de tudo, da vida do homem que se trata e a vida do homem é sagrada ...» «... Nós sabemos com quanta intensidade e com quanta eficácia crescentes a O. N. U. e os organismos mundiais que dela dependem trabalham para auxiliar os governos que deles necessitam para acelerar o seu progresso económico e social ...» «... Nós queríamos também dar o exemplo, mesmo se a pequenez dos nossos meios impede de lhes apreciar o alcance prático e quantitativo: Nós queremos dar às nossas instituições um novo desenvolvimento contra a fome do Mundo e a favor das suas principais necessidades: é assim, e não de outro modo, que se constrói a Paz».

E, para terminar este magnífico discurso, uma autêntica lição sobre a conversão ou penitência que é o mesmo, em palavras directas, sem eufemísticas expressões:

«... Este edifício que vós construíis não assenta em bases puramente materiais e terrestres, porque então seria um edifício construído sobre a areia. Assenta, antes de tudo, sobre as nossas consciências. Sim, chegou o momento da CONVERSÃO, da transformação pessoal, da renovação interior. Devemos habituar-nos a pensar o homem de uma maneira nova. De uma maneira nova também a vida comunitária dos homens; de uma maneira nova, enfim, os caminhos da História e os destinos do Mundo segundo a palavra de São Paulo: Revestir o homem novo criado segundo Deus na justiça e na santidade da verdade (Efés. 4, 23). Eis chegada a hora em que se impõe uma pausa, um momento de recolhimento, de reflexão, quase de oração: pensar de novo na nossa comum origem, na nossa história, no nosso destino comum.

Nunca, como hoje, numa época marcada por tal progresso humano, foi tão necessário o apelo à consciência moral do homem. Porque

o perigo não vem nem do progresso nem da ciência que, bem utilizados, poderão, pelo contrário, resolver um grande número dos graves problemas que assaltam a humanidade. O verdadeiro perigo está no homem que dispõe de instrumentos sempre cada vez mais poderosos, aptos para a ruína como para as mais elevadas conquistas.

Numa palavra, o edifício da civilização moderna deve construir-se sobre princípios espirituais, os únicos capazes não apenas de o sustentar, mas também de o iluminar e de o animar. E esses indispensáveis princípios de sabedoria superior não podem repousar — é a Nossa convicção, bem o sabeis — senão na fé em Deus ...».

O pensamento de Paulo VI proclamado diante das Nações na sede do organismo que mais internacionalmente as representa foi confirmado, logo no dia seguinte, perante os Bispos da Igreja Católica, no Concílio II do Vaticano, numa diversificação necessária de campos de acção mas que se conjugam no mesmo esforço: «Não é certamente Nossa tarefa nem pode ser Nossa intenção, entrar nos campos da política ou da economia onde a ordem temporal que constitui a paz civil é directamente construída. Mas podemos e devemos auxiliar também a construir a paz civil, através do permanente apoio moral e, de algum modo, também através dos serviços de uma caridade presente e verdadeira ... A nossa contribuição para a Paz encontra-se já no caminho. E ela tornar-se-á, certamente, mais efectiva e mais preciosa quando todos nós, convencidos de que a paz deve fundar-se na justiça, nos tornarmos advogados da justiça.

«De justiça tem o Mundo grande necessidade, e de justiça quer Cristo que sintamos fome e sede. E nós sabemos que a justiça é progressiva, e que à medida que a sociedade progride, torna-se mais profundamente consciente da sua imperfeita composição, vindo então à luz os gritos e os clamores suscitados pelas desigualdades que continuam a atormentar a Humanidade.

«Não é o facto de se verificar desigualdades entre classe e classe, entre Nação e Nação, a mais grave ameaça feita à Paz?»

«Todas estas coisas são bem conhecidas. E, agora, elas convidam-nos a reconsiderar o que podemos fazer para as remediar».

De Paz como penitência fala-nos ainda, abundantemente, na sua mensagem a todos os homens de boa vontade, 8 de Dezembro de 1967, instituindo o Dia da Paz. Assim, por exemplo: «Não se pode falar de Paz, legitimamente, quando não são reconhecidos e respeitados os seus sólidos fundamentos: a sinceridade, ou seja a justiça e o amor, tanto nas relações entre os

Estados como, no âmbito de cada Nação, entre os cidadãos e entre estes e os governantes. Depois, a liberdade dos indivíduos e dos Povos, em todas as suas expressões cívicas, culturais, morais e religiosas. Caso contrário não se terá Paz. Ainda mesmo que, porventura, a opressão seja capaz de criar um aspecto exterior de ordem e de legalidade, no fundo haverá um germinar contínuo e insufocável de revoltas e guerras ...

«A Paz não é pacifismo, não esconde uma concepção vil e preguiçosa da vida, mas proclama, sim, os valores mais altos e universais da vida: a verdade, a justiça, a liberdade e o amor ...»

«... Nos últimos anos da história do nosso século tornou-se finalmente, patente de modo claríssimo que a Paz é a única e a verdadeira linha do progresso humano e que, por outro lado, não são as tensões de nacionalismos ambiciosos, nem as conquistas violentas, nem as repressões que estabelecem uma falsa ordem civil ...»

«Mediante o Seu sacrifício na Cruz, Cristo levou a termo a reconciliação universal e nós, Seus seguidores, somos chamados a ser 'obreiros da paz' (Mateus 6,9) e, finalmente, só do Evangelho pode brotar a Paz, não para tornar os homens fracos e moles mas para substituir nas suas almas os impulsos da violência e da prepotência, pelas virtudes viris da razão e do coração de um humanismo verdadeiro ...»

No aspecto de oração encontramos no mesmo documento estas afirmações concludentes: «... A Paz está no centro da religião cristã, uma vez que, para o cristão, proclamar a Paz é anunciar Jesus Cristo 'Ele é a nossa Paz' (Efés. 2, 14) e o Seu Evangelho é um 'Evangelho de Paz' (Efés. 6, 15) ...»

«... Nós podemos ir buscar ao preceito evangélico do perdão e da misericórdia fermentos regeneradores da sociedade ... Nós podemos, sobretudo, dispor de uma arma singular em favor da Paz: é a oração com as suas maravilhosas energias de tonificação moral e de impetração de transcendentais favores divinos de inovações espirituais e políticas e com a possibilidade que ela oferece a cada um, de se interrogar a si mesmo, com sinceridade, acerca das raízes do rancor e da violência, que podem eventualmente encontrar-se no coração de cada um de nós.»

Voltando à penitência, não podemos deixar de referir uma pequeníssima mas significativa passagem de Rádio-mensagem natalícia de Paulo VI de 23 de Dezembro de 1967. Trata-se da seguinte: «Desejamos falar da paz do coração que é verdadeiro domínio de si e verdadeiro factor de virtude, de serenidade e de felicidade, verdadeira fonte de toda a palavra boa e ponderada na sua mais inteligente e mais forte expressão».

Mas é sobretudo na íntima relação com Deus, na ordem interior da alma que se deve buscar uma expressão autêntica de Paz que é ao mesmo tempo seu fundamento e sua definição: «Sim porque a Paz é ordem. A ordem supõe uma perfeição de relações. Entre todas as relações de que a existência humana tem necessidade, a primeira, a indispensável, é a relação com Deus. Sabemos que estamos afirmando uma verdade que muitos homens de hoje recusam admitir: vive-se bem, mais ainda, melhor — dizem eles — sem religião, a qual é misteriosa, suscita problemas muito complexos, tira e não dá a paz do espírito humano. No entanto, não, irmãos,

A multidão dos peregrinos respondeu: Amém.



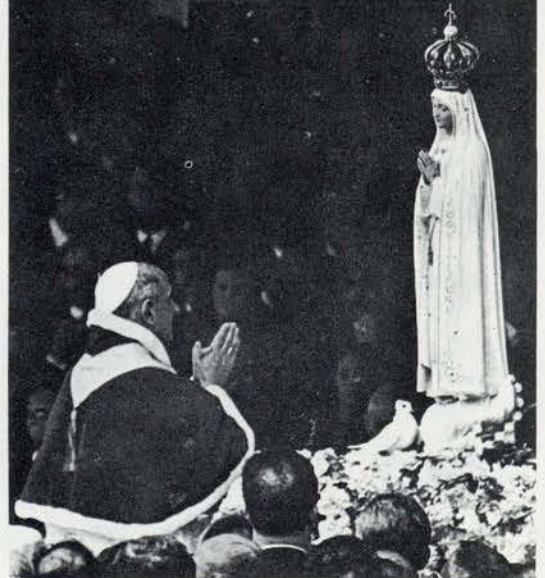
temos necessidade insaciável de Deus, não podemos trabalhar sem Ele. Deus é necessário ao espírito humano. Deus é a nossa felicidade. Deus é a vida. Estar unido a Ele, estar reconciliado com Ele, estar dentro do plano da Sua vontade comporta a nossa primeira paz interior. 'Não há paz para os sem Deus' diz a Sagrada Escritura (cfr. Is. 48, 22; 57, 21), ao passo que há paz para quem entrou na órbita dos desejos divinos: 'Na Sua vontade está a nossa paz', diz deliciosamente Dante, nos umbrais do seu 'Paraíso' (III, 85) ...

«... Como pode ser sincera a ordem pessoal e moral, segura e estável, se prescindir dos princípios absolutos e transcendentais que somente a religião inspira e garante? A paz com Deus é o manancial da força moral, da fecundidade viril, da sabedoria fundamental, das quais pode brotar a paz entre os homens. Como encontrar a arte de pôr de acordo os homens, sem reconhecer o primado da fraternidade humana na política e sem dar valor ao perdão das ofensas recebidas ou recíprocas como princípio resolutivo dos conflitos humanos?»

Na sua mensagem de Ano Novo insiste no pensamento da oração pela Paz: «Que valor tem o nosso esforço? Não será também uma deligência vã que vá aumentar o número das tentativas frustradas? Assim, seria, irmãos e filhos, se um auxílio superior, o de Deus, Pai bondosíssimo e misericordioso, o não inspirasse e apoiasse. É esse o auxílio que a oração pode obter e inserir na rede emaranhada das contendas humanas, para as solucionar de um modo inesperado e feliz. É à oração, pois, que vos convidamos, à oração com uma só voz e um só coração, pela Paz no Mundo».

Julgamos suficientes estes argumentos para tentar extrair um resumo de definição. Nem sequer apontamos o ensinamento da Encíclica Populorum Progressio, tão do nosso agrado, mas que seria necessário transcrever quase na íntegra, embora tenha uma frase que a resume toda: o desenvolvimento é o novo nome da Paz, ou seja que a penitência é o nome autêntico da Paz. Assim vai a nossa hipótese de definição, sem ser definitiva: «A Paz é o desenvolvimento harmónico de todos os Povos, na solidariedade dos Povos ricos com os Povos menos favorecidos, por inspiração de fraternidade e justiça, com o auxílio de Deus Pai bondosíssimo e misericordioso que, por intercessão de Sua Mãe a qual veio recordar à Terra os princípios básicos da harmonia cristã, acode em auxílio de Seus filhos, todos os homens de boa vontade».

PAULO VI EM FÁTIMA



Está à venda, o artístico album comemorativo da Peregrinação de Paulo VI a Fátima, edição da Comissão Central do Cinquentenário.

Dirija os seus pedidos à referida Comissão, Fátima, ou à Administração de "FÁTIMA-50", Fátima.

Esta publicada la edición castellana de este magnífico album conmemorativo de la peregrinación de Su Santidad Paulo VI a Fátima. Puede requisitar los ejemplares que desee a la Administración de "FÁTIMA-50", Fátima - Portugal

Now, ON SALE... The English edition of this beautiful book, telling all about the Pilgrimage of Paul VI to Fatima.

You can order it at "FATIMA-50"
Fatima - Portugal

En vente... l'édition Française de cet album commémoratif du pèlerinage de Paul VI à Fatima.

Adressez vos demandes à "FATIMA-50"
Fatima - Portugal

Ein Kunstvolles Album Zur Erinnerung an die Wallfahrt Paul VI. Ausgabe der Zentralkommission für das 50 jährige Jubiläum.

Bestellungen an obige Kommission oder an die Verwaltung von "FATIMA-50"
Fatima - Portugal

Preço - Precio - Price - Prix - Preis: Esc. 150



- Em cima:
Durante as boas vindas aos peregrinos e saudação à Virgem.
- À esquerda:
Desfile de estandartes.
- Em baixo:
Via - sacra.
- A direita:
D. Florentino prega a notável homília;
Aspecto da missa concelebrada;
Procissão.



PEREGRINAÇÕES

19-20 DE ABRIL

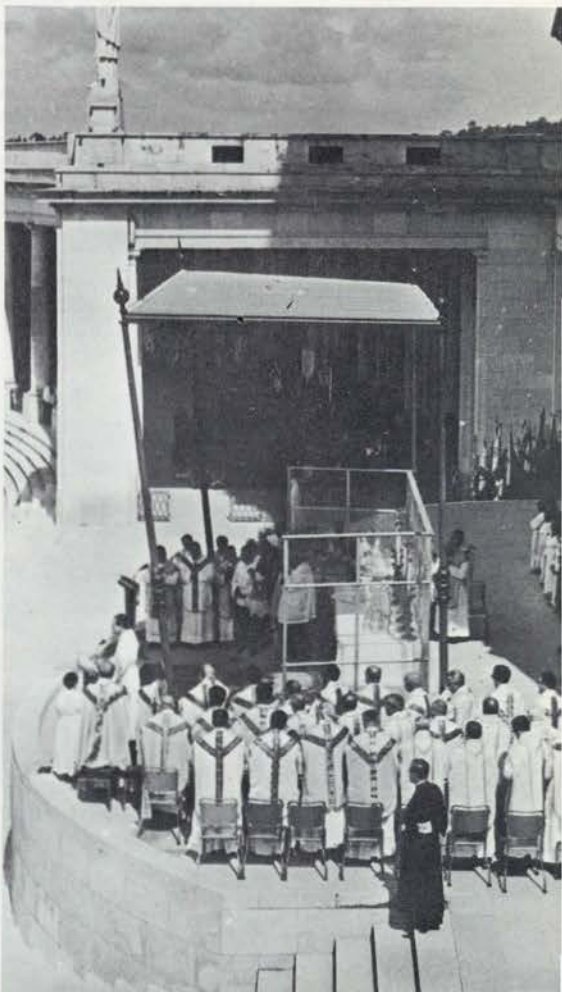
A CIDADE E DIOCESE DA VIRGEM EM FÁTIMA

A Diocese do Porto, representada por mais de vinte mil pessoas presididas por alguns dos seus pastores, nomeadamente por D. Florentino de Andrade e Silva, administrador apostólico e D. Alberto Cosme do Amaral, bispo auxiliar e aos quais se associou, por ser de lá oriundo, D. Domingos de Pinho Brandão, bispo auxiliar de Leiria que, aliás, recebeu os peregrinos em representação do Prelado da Diocese, ausente, veio em peregrinação a Fátima para se associar às comemorações do Cinquentenário, nos dias 19 e 20 de Abril.

As intenções que presidiram a esta peregrinação da Cidade e Diocese da Virgem estão expressas na consagração a Nossa Senhora pronunciada no encerramento da jornada:

Virgem Santíssima, Nossa Senhora do Rosário de Fátima, está aqui reunida a Vossos pés a Diocese do Porto — pastores e fiéis — em humilde representação. E os que não puderam vir estão connosco em presença espiritual de oração. Queremos celebrar deste modo, em assembleia diocesana, o ano jubilar da Vossa Aparição neste lugar sagrado, convertido em Altar do Mundo. Queremos também proclamar a nossa fé inquebrantável em Jesus Cristo, Vosso Filho — Caminho, Verdade e Vida — único Salvador de todos os homens. Queremos que pelo nosso testemunho cristão Ele se torne presente no mundo de hoje e o salve na justiça, no amor e na paz. Associando-nos assim ao pensamento do Papa, queremos que este Ano de Fé assinale em nossas vidas, e na vida de toda a grei diocesana, uma nova etapa de adesão a Cristo e de vivência do Evangelho.

Aqui viemos, Senhora, para louvar, agradecer, suplicar.





Mais de trezentos estandartes marcavam uma presença viva.

E agora, antes de partir, de novo nos acolhemos, confiados e para sempre, ao refúgio amoroso do Vosso Coração Imaculado. Sabemos que o Vosso coração de Mãe é a esperança nova da nossa idade: e por isso aqui estamos de joelhos, diante da Vossa Imagem, em acto público e solene de consagração.

Toda a Diocese do Porto, Senhora, com as suas paróquias, com o seu clero, o seu seminário, as suas comunidades de vida consagrada, o seu laicado, as suas obras e movimentos apostólicos, se entrega e se confia ao Vosso amor de Mãe e Padroeira comum, e quer ser, verdadeiramente, Terra de Santa Maria.

Comungando no mesmo sentimento, nós Vos confiamos as nossas próprias pessoas, as nossas famílias, o nosso trabalho, tudo o que nos pertence ou nos preocupa. Confiamos-Vos muito particularmente a salvação de nossas almas e de todos aqueles que mais amamos. Agradai-Vos, ó Virgem, desta geral consagração que Vos fazemos e tornai-a, quanto possível, efectiva.

Para isso, derramai sobre a nossa gente uma larga bênção que floresça e frutifique em graças de toda a sorte. Converti os que se afastaram do seu Deus e da tradição da sua Pátria; morigerai os costumes; a família, essa célula

vital das nações, fazei dela santuário indestrutível de virtudes humanas e cristãs. Aos nossos homens, dai-lhes a coragem nobre das suas convicções religiosas; guiai e preservai a juventude, revelando-lhe o sublime ideal da Fé; e as nossas crianças, Senhora, apertai-as ao Coração e não as deixeis sair mais do Vosso regaço materno.

Mãe e Rainha, nós nos consagramos; mas pedimos que continueis a Vossa missão mediadora de nos conduzirdes a Jesus, de nos mostrardes Jesus!

Que Ele, o Único Mestre, pelo Seu Coração Divino e pelo Vosso Coração Imaculado, reine em todas as nossas escolas!

Que pelo Seu Coração Divino e pelo Vosso Coração Imaculado, Cristo Jesus, o Divino Operário de Nazaré, reine nas nossas oficinas e nas nossas fábricas!

Que pelo Seu Coração Divino e pelo Vosso Coração Imaculado, Cristo Jesus, o Senhor de todas as messes, reine nos nossos campos e nos nossos meios rurais.

Enfim, ó Virgem, pedimos que se penetre de verdadeiro espírito cristão toda a nossa vida individual, familiar, social e pública, para que, efectivamente, pelo Seu Coração Divino e pelo Vosso Coração Imaculado, — Jesus Cristo vença e reine e impere.

Os peregrinos ultrapassaram a casa dos 30 000.





Hóstias para algumas dezenas de milhar de comunhões

BOAS-VINDAS

Os peregrinos foram chegando à Cova da Iria, ao longo da tarde, utilizando os mais variados meios de transporte. As 19 horas reuniram-se na Cruz Alta para ali receberem os prelados e com eles se dirigirem à Capelinha das Aparições onde o sr. D. Florentino de Andrade e Silva lhes dirigiu a seguinte saudação:

«Sede bem-vindos a este solar de Nossa Senhora, a esta mansão de paz. Nós vimos saudá-La, trazer-Lhe o nosso louvor, trazer-Lhe a expressão do nosso agradecimento. Queríamos que o nosso coração se erguesse em eco fiel à voz do Arcanjo: «Avé, Maria; Avé, Maria». Queremos agradecer tantas graças que Ela tem dimanado aqui, ao longo de cinquenta anos, sobre multidões que vêm, sem cessar, pedir a Sua protecção materna. Vamos saudar a Virgem rezando de uma maneira nossa, a «Avé Maria». Voltados para esta imagem, com o pensamento e o coração, vamos rezar uma «Avé Maria» de saudação, de louvar e de agradecimento com toda a nossa alma».

Ofertório solene: um cálice de ouro e pedras preciosas; um livro de ouro espiritual e um grande círio



Os peregrinos entoaram em coro a «Avé Maria» e, depois, dirigiram-se para o altar onde iria ser celebrada missa pelo sr. administrador apostólico da Diocese, acolitado pelo cônego Agostinho Cunha e rev. Cardoso, secretário de D. Florentino.

Para fazerem guarda-de-honra ao Altar, subiram para a escadaria os porta-bandeiras e estandartes e as deputações dos Bombeiros Voluntários do Porto e de Leixões. Em cadeiras junto ao Altar, tomaram lugar os párocos da diocese, estando também reservado um lugar especial para as entidades presentes que eram os srs. governador civil do Porto, dr. Fonseca Jorge, e esposa; o presidente da Câmara do Porto, dr. Nuno Pinheiro Torres e esposa; o deputado prof. dr. António Cruz e esposa; e o eng. Brito e Cunha e esposa.

MISSA VESPERTINA

No decorrer da missa, à homília, o sr. D. Florentino de Andrade e Silva disse que na primeira leitura que escutaram o Apóstolo S. Paulo falava de simplicidade e de infância espirituais. Viemos aqui como peregrinos. Muitos terão estado aqui, na jornada gloriosa de 13 de Maio, em que o Papa nos deu a alegria de vir aqui engrandecer connosco as glórias de Nossa Senhora. Este acto, sem a grandeza de 13 de Maio, era também formoso e constituía motivo de satisfação espiritual. Todos vieram, com almas simples, como o Senhor as quer, ao Santuário da Virgem. Viemos saudá-La e suplicar-Lhe a protecção materna. Mas é a Seu Divino Filho que queremos também exaltar. A primeira lição da missa de hoje fala-nos desse mistério de Cristo, garantia de perenidade da Sua e nossa Igreja. Cristo associa-nos ao Seu sacerdócio, fazendo de nós todos a Igreja, a Sua Igreja real. Somos Igreja de Deus para Lhe prestar a adoração e a glória que Lhe devemos. Este imolou-se por nós. Morreu e ressuscitou e, como Ele, devemos morrer e ressuscitar na Sua graça. Viemos a Fátima em sacrifício, em mortificação, mas com as almas em graça, em ressurreição, em aleluia.

Na altura própria comungaram muitos fiéis. As pessoas aproximaram-se em cortejo ao encontro do Senhor e comungaram de pé, tendo sido a Comunhão distribuída por vinte sacerdotes.

O monumental círio historiado com o Rosário, solene oferta da Diocese a Nossa Senhora



VIGÍLIA EUCARÍSTICA

A vigília eucarística iniciou-se às 22,30 horas, com terço e cânticos. Apesar de ao fim da tarde o céu plúmbeo se mostrar ameaçador, o tempo manteve-se seco, se bem que corresse uma aragem fresca. A baixa temperatura, no entanto, não arrefeceu o entusiasmo dos peregrinos, que principiaram cedo a tomar os seus lugares no vasto recinto a partir da escadaria.

Milhares de velas empunhadas pelos fiéis iluminaram a esplanada, oferecendo um majestoso e imponente espectáculo de luz.

Da recitação do terço encarregou-se o rev. José Pereira Soares Jorge, secretário diocesano da catequese, a que se associou a multidão.

Seguiu-se a exposição do Santíssimo Sacramento. Tendo-se lido uma passagem do Evangelho, comentou-a o sr. D. Alberto Cosme do Amaral que, em resumo, disse:

As autoridades presentes



«Cristo está presente. Pedi-Lhe que aumente a nossa fé — fé na Sua palavra. Nada há mais verdadeiro do que esta palavra: Verdade. Cristo está presente, não é uma palavra vã, não é uma sugestão supersticiosa: é a Verdade.

Estamos aqui diante de Jesus Sacramentado, nesta vigília de graça.

A noite é o espaço das grandes reflexões.

Viamos aqui reavivar a nossa fé, em comunhão com o Vigário de Cristo neste Ano da Fé. Esta não nos penetra as profundidades da alma. Filhos de Deus, também nós temos contribuído para tornar mais vasto este deserto de Deus que é o Mundo contemporâneo.

O remédio para este tempo está na doutrina.

O objectivo que temos em vista havemos de alcançá-lo. Jesus Sacramentado, estamos diante de Ti, nesta vigília, estamos diante de Ti, mendigos de graça e de luz.

A fé renovada que Te pedimos e que nos lançará nos caminhos da autenticidade cristã é fruto do Teu espírito.

A fé que Te pedimos é também obediência. Dá-nos a convicção daquilo que ainda não vemos, enquanto aguardamos na obscuridade.

Mas, afinal, o que é a Fé?

A Fé é uma comunhão do nosso pensamento com o pensamento de Cristo. A adesão à Sua palavra, à Sua doutrina. Pela fé não afirmamos somente, nem primariamente, certas verdades, mas afirmamos Cristo que habita em nossos corações.

Por esta reunião com Cristo entramos em comunhão com o Pai. A fé em Cristo é fé na Trindade, no mistério do amor, no Espírito Santo, que realiza a santidade do Filho de Deus. Em dois minutos de oração silenciosa vamos comungar no mistério da Igreja, da Encarnação».

Após a pregação organizou-se a procissão eucarística. Os bombeiros das corporações presentes fizeram a guarda de honra ao Santíssimo Sacramento. A procissão desenrolou-se à volta do recinto, constituindo uma magnífica afirmação de fé na presença real de Jesus na Eucaristia. Foi como uma vaga de luz que alastrou pelo recinto, enchendo a noite de claridade e sonoridade dos cânticos entoados com fervor.

Ao regresso da procissão ao altar exterior da Basilica, foi dada a bênção com o Santíssimo Sacramento. Seguiram-se vários turnos de adoração até de madrugada.

VIA SACRA E MISSA CONCELEBRADA

De manhã cedo, após ter sido reposto o Santíssimo Sacramento, foi celebrada a missa. Já se encontravam no recinto muitos milhares de peregrinos.

Foi, seguidamente, eram 9 horas, feito o piedoso exercício da Via-sacra cujas 14 estações foram comentadas pelos revs. Costa Maia, Alves Correia e Ferreira de Brito.

Pouco passava das 10 horas quando terminou aquela cerimónia. Iniciou-se, então, a procissão com o andor de Nossa Senhora, desde a Capela das Aparições até ao altar exterior.

No desfile tomaram parte todas as representações da Diocese, abrindo o préstito as suas respectivas bandeiras e estandartes, unidades de escuteiros, crianças da Cruzada Eucarística e Catequese, Liga Eucarística dos Homens, ordens terceiras, acólitos, clero, autoridades e peregrinos.

Formando guarda de honra ao andor, iam-se elementos dos Bombeiros Voluntários do Porto e de Leixões.

Saindo da Capela das Aparições, a Imagem da Virgem foi conduzida, por entre alas de fiéis, até à Cruz Alta, tomando depois o caminho da escadaria.

Durante o cortejo, a multidão, em coro, entoou cânticos de louvor à Virgem.

À medida que iam chegando ao altar, os porta-bandeiras e estandartes tomavam lugar nas laterais, formando um imponente friso de cor.

Entretanto e no espaço especialmente para eles reservado, foram colocados os doentes, num total de cerca de três dezenas, que quiseram aproveitar a oportunidade que se lhes ofereceu por intermédio da Diocese do Porto, para suplicarem as bênçãos da Virgem.

Do mesmo modo, iam chegando ao sector que lhes fora destinado, as várias individualidades que se deslocaram a Fátima, nomeadamente os srs. dr. Fonseca Jorge, governador civil do Porto; dr. Nuno Pinheiro Torres e Artur Correia Barbosa, respectivamente presidentes das Câmaras Municipais do Porto e de Oliveira de Azeméis; deputado prof. dr. António Cruz; dr. Domingos Braga da Cruz, delegado de Saúde do Porto; eng.º Brito e Cunha, vereador da edilidade portuense, etc.

Procissão do «Adeus»



Cerca das 11 horas iniciou-se a santa missa, concelebrada pelo sr. D. Florentino de Andrade e Silva, Administrador Apostólico da Diocese do Porto; D. Alberto Cosme do Amaral e D. Domingos Pinho Brandão, respectivamente, bispos auxiliares do Porto e de Leiria, e por cinquenta párocos da diocese portuense. De salientar o facto de ser esta a primeira vez que se reúne numa concelebração tão elevado número de párocos da Diocese.

No momento próprio, o sr. D. Florentino de Andrade e Silva fez a homilia que publicamos na íntegra.

SOLENE OFERTÓRIO

Terminada a homilia do prelado, organizou-se o cortejo do Ofertório, que partiu do meio dos peregrinos.

À frente, os srs. dr. Fonseca Jorge, com o cálice de ouro e prata, com pedras preciosas; dr. Nuno Pinheiro Torres, com a patena de ouro; eng.º Brito e Cunha e esposa, em representação dos casais, com o livro de ouro dos peregrinos espirituais, seguidos do pão e do vinho, transportados por jovens acólitos, e o círio, aceso, conduzido pela deputação dos bombeiros de Leixões, que foi colocado diante do altar, com aqueles elementos a formarem guarda de honra.

O cálice e a patena foram sagrados por D. João Pereira Venâncio, bispo de Leiria, tendo sido utilizados, pela primeira vez, na Missa que estava a ser concelebrada.

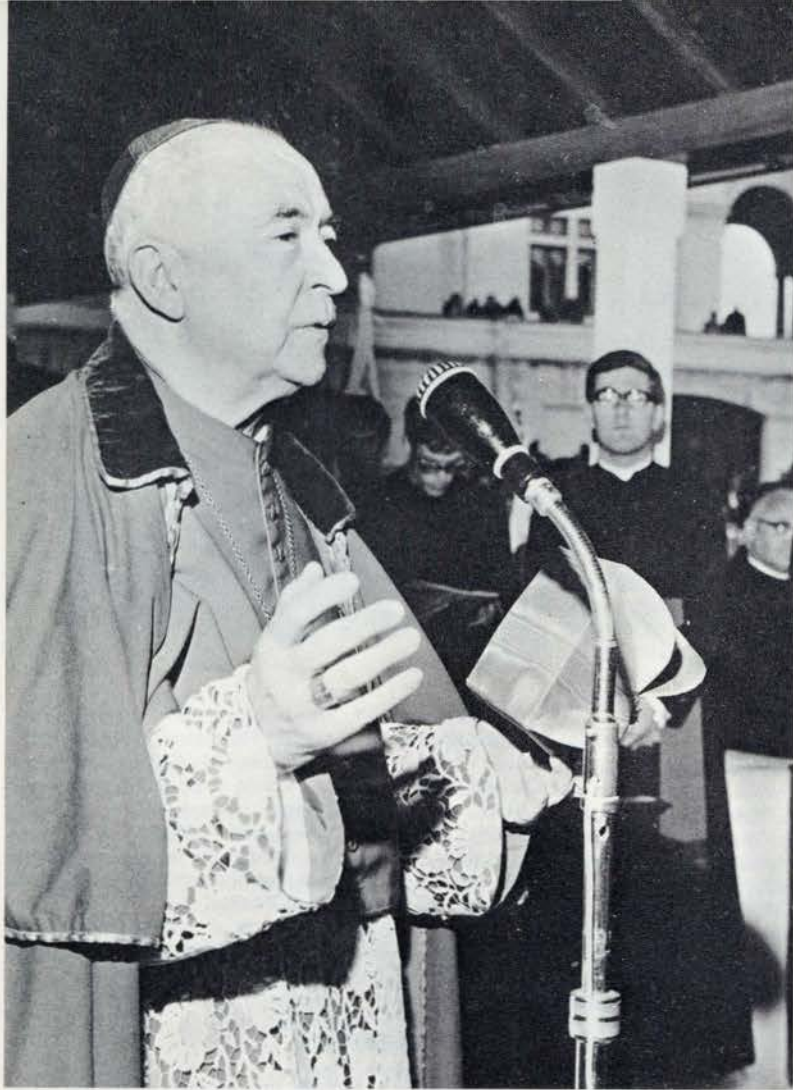
Foi, depois, recitado o cântico do Ofertório, que a multidão entoou em coro.

BENÇÃO DOS DOENTES

Na altura própria abeiraram-se da Sagrada Mesa muitos milhares de peregrinos aos quais um grande número de sacerdotes concelebrantes distribuiu a Comunhão.

Ao fim da missa e antes da bênção dos fiéis, o sr. Administrador Apostólico da Diocese do Porto deu a bênção com o Santíssimo Sacramento a algumas dezenas de doentes diocesanos que aguardavam esse momento na Colunata do lado esquerdo da Basílica.

Foi rezada a Consagração a Nossa Senhora e seguidamente organizou-se a procissão do «Adeus».



27-28 DE ABRIL

A PEREGRINAÇÃO DO PATRIARCADO A FÁTIMA

O Patriarcado de Lisboa veio a Fátima «culminar as comemorações do Cinquentenário na Diocese», como afirmou Sua Eminência o sr. Cardeal-Patriarca.

Durante toda a tarde do dia 27 de Abril, chegaram à Cova da Iria centenas de autocarros e automóveis. Os peregrinos que, ao fim da tarde já atingiam quase os 10 000, juntaram-se ao redor da capelinha das Aparições para escutarem as boas-vindas que lhes dirigiria Sua Eminência e, bem assim, uma saudação à Virgem Maria.

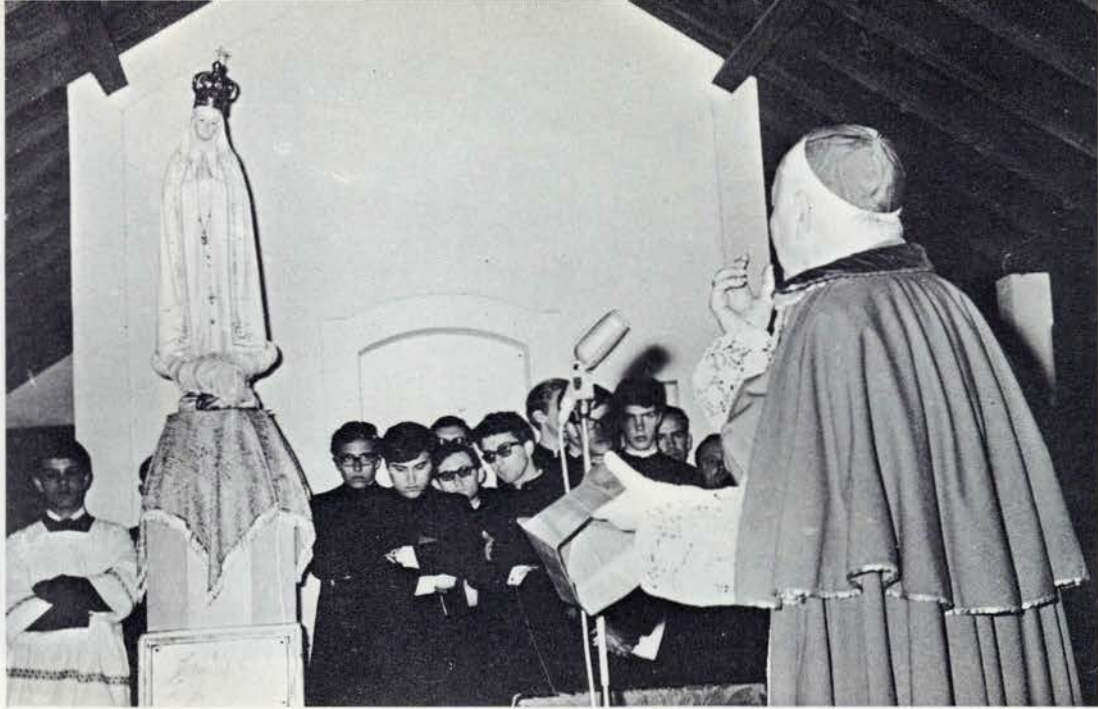
Foi aí que tiveram início os actos da grandiosa peregrinação da Diocese de Lisboa, romagem de fé no Ano da Fé.

A peregrinação divide-se em duas partes diferentes e complementares: uma vigília marial, que constou de procissão com a imagem de Nossa Senhora que se venera na capela das Aparições, durante a qual foi rezado o terço.

Cada mistério era introduzido com o pensamento adequado, incidindo sobre a fé, conduzido pelo rev. dr. Padre João de Sousa.

Ao final da procissão, colocada a imagem da Virgem no trono ao lado da epístola no topo da escadaria, Sua Eminência renovou a consagração do Patriarcado ao Coração Imaculado de Maria.





SAUDAÇÃO DO SENHOR CARDEAL-PATRIARCA

Reunidos os peregrinos em volta da capelinha das Aparições, Sua Eminência o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira dirigiu-se à Diocese em «ampla representação aqui presente».

«Nunca, disse, como hoje, nos foi possível dirigirmo-nos a um tão grande auditório de diocesanos nossos, pois embora não estejam todos, estão todos representados por dignas deputações de todas as paróquias do Patriarcado, bem assim como de Associações de Apostolado».

Prosseguindo, perguntou:

«Porque viemos a Fátima?»

1.º — *Pedir pelos bispos, sacerdotes, leigos e por todos os que não puderam ou não quiseram vir.* 2.º — *Por aqueles que, na confusão do momento que perturba as almas porventura, para servir melhor o Senhor, abandonam a Santa Igreja...* 3.º — *Por todas as necessidades do Patriarcado».*

Dirigindo-se à Virgem Maria, numa fervorosa evocação afirmou:

«Todos queremos empenhar-nos na obra de renovação do Patriarcado. Cada um de nós quer ser testemunha, confessor, fermento de paz e de amor, da misericórdia, da dedicação da entrega de nós, do martírio até».

Concluiu: *«Firmes na fé e eficazes nas obras, sejam os Pastores e todos se empenhem decididamente nesta obra de renovação, à frente de todo o rebanho de Cristo, nosso Salvador».*

VIGÍLIA MARIAL

Às 21,30, iniciou-se a solene vigília marial. A imagem de Nossa Senhora foi conduzida processionalmente ao redor da esplanada. Os peregrinos acompanharam-na rezando o terço do Rosário, cantando e guardando alguns intervalos de silêncio para meditar nos pensamentos que lhes eram oferecidos para reflexão.

Acompanhavam a imagem de Nossa Senhora os srs. D. João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, D. António Xavier Monteiro, Arcebispo de Mitilene e D. Manuel Franco Falcão, Bispo de Telepte.

Após a consagração já referida, iniciou-se a concelebração da Santa Missa. Presidiu e concelebrou Sua Eminência o sr. Cardeal-Patriarca, sendo concelebrantes os três Bispos mencionados e mais quarenta sacerdotes do Patriarcado.

A homilia, o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira dirigiu-se novamente aos peregrinos para afirmar:

«Estamos aqui a celebrar a Santa Missa, para agradecer a Deus o maior dom que nos fez com as aparições da Santíssima Virgem neste lugar: a revelação da devoção ao Imaculado Coração de Maria.»

«Estamos também para pedir a Deus por intermédio de Sua Mãe, por todas as intenções que nos trouxeram aqui: a renovação do Patriarcado e pedir pelos seus sacerdotes, pelo aumento das vocações e por todos os fiéis.»

PROCLAMAÇÃO DA FÉ

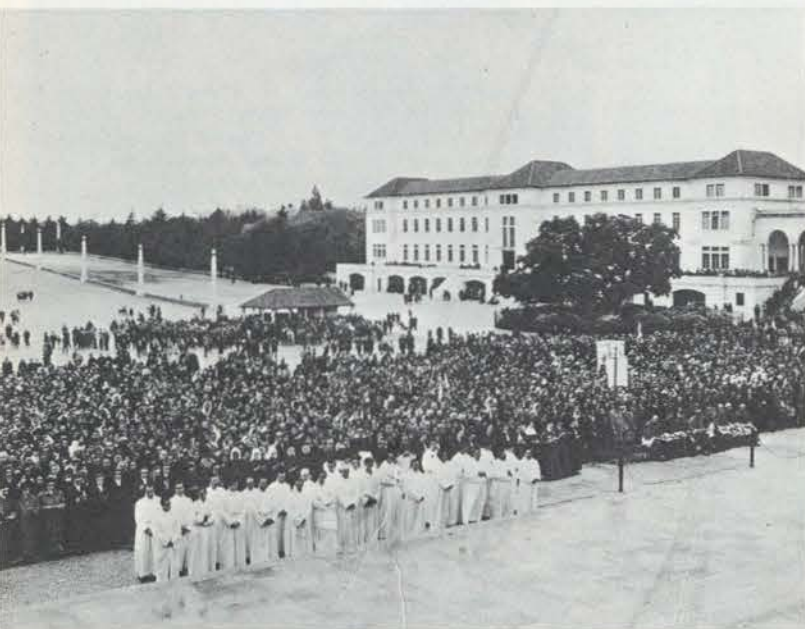
A peregrinação do Patriarcado de Lisboa culminou na Missa concelebrada pelo Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, D. António de Castro Xavier Monteiro, D. Manuel Franco Falcão, Cônegos da Sé Patriarcal e mais sessenta e dois sacerdotes.

Durante as primeiras horas da manhã foram chegando à Cova da Iria mais peregrinos que, somados aos que chegaram no sábado, atingiram perto de 15 000.

As cerimónias tiveram início às 8 horas com a «Oração de Louvor», consistindo na recitação e canto de «Laudes» do 2.º Domingo da Páscoa.

Às 10 horas realizou-se um «Jogo Cénico» sobre a Fé na vida e na realização do Povo de Deus. Consistia a celebração cénica num diálogo entre um locutor, um narrador e grupos representativos das diversas fases históricas do Povo de Deus, por um lado e, por outro, a multidão dos peregrinos.

Durante duas horas, com leituras que recordavam a Fé do Povo de Deus antes da vinda de Jesus ao Mundo e, seguidamente, a fundação da Igreja e sua expansão pelo Mundo inteiro, leituras que eram intercaladas por cantos e litanias, os peregrinos do Patriarcado prepararam-se para assistir à concelebração solene da Missa e à homilia que haveria de proferir S. E. o Senhor Cardeal-Patriarca.



A HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA

Ao Evangelho, o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira dirigiu a palavra aos peregrinos, numa homilia de que damos os passos fundamentais, não nos sendo possível transmitir o calor que Sua Eminência pôs na sua eloquente alocução, sobretudo na parte final, improvisada.

Começou Sua Eminência por lembrar as intenções do dia: as do Santo Padre, que também foi peregrino de Fátima, e que, certamente, são as de toda a Santa Igreja: Paz no Mundo, unidade da Igreja; e as do Patriarcado: o aumento e a perseverança das vocações consagradas, especialmente sacerdotais; o aprofundamento, cada vez maior da fé em toda a diocese; a consciencialização de todos os cristãos para os seus deveres apostólicos; a conversão dos pecadores, a saúde dos enfermos ...

A respeito destas intenções, perguntou:

PRIMEIRO, DEUS

— Que nos ensina Fátima?

E respondeu:

— Toda a Mensagem visa a um fim único: a salvação, na qual Deus é glorificado. A salvação dos homens e do Mundo, na medida em que, segundo o ensino do Concílio, é missão do cristão consagrá-lo, libertando-o da escravidão do pecado na luz e na graça de Cristo.

Glória de Deus e salvação da Humanidade, não foi para isto que o Filho de Deus encarnou e morreu na Cruz? Não é este, tantas vezes proclamado no Concílio, o fim da Igreja?

Consideremos um pouco, à luz da actualidade mais viva, estes pontos cardeais da Mensagem: Deus e o pecado; e a oração e a penitência.

Nega-O o ateísmo contemporâneo, e (o que é próprio do ateísmo hodierno, que se vangloria de positivo) pretende construir sem Deus um homem e um mundo novos na paz, na comunhão e na liberdade.

Três momentos da Missa celebrada por 70 ministros sagrados

Renova-se a ilusão dos construtores da Babel bíblica. É humilhado o impossível desafio na confissão desses descendentes do Prometeu esquiliano — de que, recusando Deus, tudo é absurdo. Mas nós acaso teremos maiores culpas, não dando fiel testemunho de Deus na verdade, na justiça e no amor.

Porventura mais perigosa para o mundo dos «pobres em espírito» desamparados de alguns dos «mestres em Israel» é a secularização que toca até alguns meios cristãos, deixando Deus, a tendência actual porventura com a intenção de melhor O servir. Diminui o sentido de Deus nas almas, procurando-O nos outros, sob forma (ou pretexto) de apostolado, em vez de O procurar em Nosso Senhor Jesus Cristo pois, como disse o Senhor quem vê Jesus Cristo, vê Deus. Vai morrendo a contemplação silenciosa ao pé dos sacrários e, com ela, a intimidade com o Senhor, tornando-nos vazios daquilo que anunciamos, quando devêramos ser transparentes.

Justamente o Concílio confessou como obra de Deus os valores positivos da civilização, fruto doloroso da história sobre a qual paira também o Espírito criador e renovador.

Mas esquece-se facilmente que esses valores, como tudo o que é humano, estão sujeitos à degeneração do pecado, e é a luz e a graça de Cristo que os cura, restaura, purifica e eleva para Deus, fim último de todas as coisas.

Identifica-se com a edificação da cidade terrestre o reino de Deus, como se o destino do cristão estivesse na Terra.

A Mensagem de Nossa Senhora repete o Evangelho: Deus no princípio e no fim de tudo.

«Uma só coisa é necessária», «de que vale ao homem ganhar o Mundo todo, se vem a perder a sua alma»? A caridade, sim; o homem — para os outros, sim, mas por amor de Cristo.

O PECADO — E A ORAÇÃO E A PENITÊNCIA

A Mensagem de Nossa Senhora mostrou profeticamente uma página da teologia da história a respeito dos apocalípticos acontecimentos do nosso tempo. Como notou o Padre Daniélou, «as Aparições estão ligadas à questão do conflito entre as forças do bem e as forças do mal».

Sem prejuízo das leis da história como das da natureza, tudo está sujeito à lei mais alta, soberana, suprema, do Amor. Toda a história humana é envolvida pelo mistério da história da salvação. Através da emaranhada rede dos acontecimentos, pode dizer-se: tudo é para a salvação dos homens.



À esquerda e em baixo, aspectos do jogo cénico sobre a Fé.



Figuras do Jogo Cénico

Até ao fim, a história será, segundo a parábola evangélica, o campo onde medrará o trigo e o joio direi, o pecado e a graça. Contra o fatalismo do mundo antigo, a Mensagem de Fátima confirma que há um Coração infinito na ordenação e governo de tudo o que acontece. Aquilo que o pecado destrói, recupera-o a oração e a penitência, e pode a recuperação ser maior — e é, porque tem os méritos de Cristo — que aquilo que não foi salvo: «o felix culpa!».

Já tem sido afirmado que a essência da Mensagem é a conversão — no que ela significa de amor de Deus acima de todas as coisas, horror ao pecado mais que amor à vida, fidelidade à lei de Deus, que se resume e traduz na caridade. E, com efeito, a última recomendação de Nossa Senhora não foi esta: «não ofendam mais a Nosso Senhor que já está tão ofendido?»

Esta conversão para Deus é o princípio de toda a restauração da ordem humana. Restauração cristã significa edificação sobrenatural pela graça. O Salvador do Mundo até do mundo temporal, é só um: Nosso Senhor Jesus Cristo!

No final da alocução, Sua Eminência retomou as intenções da Peregrinação, explicando-as, num caloroso improviso, à luz da Mensagem de Fátima.

A Missa prosseguiu. A chuva, fria e impertinente, chegou, uma vez mais na altura exacta da consagração. Ninguém se impressionou. De pé, sob um campo variegado de cores dos chapéus-de-chuva, os peregrinos continuaram a acompanhar a celebração do Santo Sacrifício. Fez-se uma colecta para as obras de apostolado e de caridade do Patriarcado, sendo levada ao altar por Guias de Portugal. No momento da Comunhão foram muitíssimos os peregrinos que se aproximaram da Sagrada Mesa, para participar mais intimamente na Missa.

A peregrinação concluiu com a bênção final. Não houve procissão de «Adeus» como é habitual, pelo carácter diferente desta peregrinação que constou de duas partes complementares: uma vigília marial e uma proclamação solene da Fé, a parte que correspondeu ao domingo.

Testemunho de fé e piedade





CARDEAL PERICLE FELICE LEGADO "A LATERE" DE PAULO VI

PARA AS CERIMÓNIAS
DE ENCERRAMENTO
DO CINQUENTENÁRIO
DAS APARIÇÕES
DE NOSSA SENHORA
EM FÁTIMA

O Cardeal escolhido por S. S. Paulo VI para o representar nas cerimónias do Encerramento das Comemorações Jubilares das Aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria é Pericle Felice que foi ilustre Secretário-Geral do II Concílio Ecuménico do Vaticano.

Foi elevado ao Cardinalato no Consistório de 26 de Junho de 1967. S. E. Cardeal Pericle Felice nasceu em Segni, Roma, no dia 1 de Agosto de 1911.

Depois de frequentar o Seminário de Segni, entrou para o Seminário Menor Romano e depois para o Seminário Maior, formando-se em Filosofia em 1929, em Teologia em 1934 e em Direito Canónico e Civil em 1938, no Pontifício Ateneu Lateranense.

Ordenado sacerdote em 28 de Outubro de 1933, foi em 1938 nomeado Reitor do Pontifício Seminário Romano para os Estudos Jurídicos de S. Apollinare, onde durante dez anos, formou uma numerosa pléiade de sacerdotes.

Foi ao mesmo tempo Reitor do Liceu-ginásio de S. Apollinare, onde dedicou as suas energias à formação de centenas de jovens estudantes.

Depois de ter exercido o cargo de Assistente de Direito Canónico no Pontifício Instituto *Utriusque Juris*, foi, em 1943, convidado para reger a cadeira de Teologia Moral no Pontifício Ateneu Lateranense. No Vicariato de Roma exerceu também as funções de Juiz Prosinodal e de Examinador Sinodal.

Em 1947, foi nomeado Prelado auditor da Sagrada Romana Rota, de cujo Estudo foi director no biénio 1959-1960. Desempenhou ainda o cargo de Presidente do Tribunal de Primeira Instância no Estado da Cidade do Vaticano.

Foi o primeiro Assistente eclesiástico das A. C. L. I. de Roma.

De 1950 a 1959 foi Director Espiritual do Seminário Romano Maior.

Na preparação do Concílio Ecuménico do Vaticano II, foi primeiro (16 de Maio de 1959) nomeado Secretário da Comissão Pontifícia Antepreparatória, passando a seguir, em 7 de Junho de 1960, a exercer os cargos de Secretário-Geral da Comissão Pontifícia Central e de Secretário da Comissão Técnica-Organizadora, Preparatória para o mesmo Concílio.

No dia 3 de Setembro seguinte, foi promovido ao Episcopado com o título da Igreja Arquiepiscopal de Samosata, sendo sagrado pelo Papa João XXIII, na Basílica Vaticana, no dia 28 de Outubro.

Na celebração do Concílio Ecuménico do Vaticano II, exerceu as funções de Secretário-Geral do Concílio, de Secretário do Secretariado «*De Concilii negotiis extra ordinem*», da Comissão de Coordenação dos trabalhos do Concílio e da Comissão Conciliar Técnico-Organizadora.

Em 4 de Outubro de 1965, fez parte do séquito do Santo Padre Paulo VI na sua viagem à Sede das Nações Unidas.

Durante os anos de preparação e no decorrer do Concílio, Mons. Felice desenvolveu trabalho intensíssimo e delicado — estudos preliminares, coordenações, sínteses — revelando, em todas as circunstâncias, dotes excepcionais de cultura, sentido pastoral, trato fino de afável cordialidade, eloquência clara e incisiva. Nem é de esquecer o trabalho, exteriormente pouco notado, mas sem dúvida grandioso, que derivava das frequentes audiências que o Secretário-Geral tinha com o Sumo Pontífice. Naqueles encontros, bem pode dizer-se que se escrevia a primeira história do imponente e sacrosanto Concílio. Merecem ainda especial menção, as importantes publicações, acompanhadas por Mons. Felice, que se foram sucedendo sobre a fase preparatória e cada uma das grandes sessões do Concílio.

Terminado o Concílio, foi nomeado Secretário-Geral da Comissão Central «*De coordinandis post Concilium laboribus et Concilii Decretis interpretandis*».

Em Fevereiro de 1967; presidiu à Comissão Especial de estudo para a restauração do Diaconado, como grau hierárquico permanente. Em 21 de Fevereiro de 1967, o Santo Padre nomeou-o Pró-Presidente da Comissão Pontifícia para a revisão do Código do Direito Canónico.

Desde 1959 que é Vigário do Cardeal Arcebispo da Basílica Patriarcal de S. Pedro no Vaticano.

Foi Consultor das Sagradas Congregações: Consistorial, dos Seminários e do Concílio.

Tem colaborado em várias revistas, entre as quais a «*Apollinaris*» e é autor de muitos vocábulos do «*Dizionario di Teologia Morale*» de Roberti e da «*Somma del Cristianesimo*» de Spiazzi; e de casos morais no «*Casus conscientiae*» de Palazzini-De Jorio.

Além de algumas composições poéticas latinas (*Juvenilia*, *Otia aestiva*, *Semina flammae sacerdotalis*, *Montis Cervini carmen*, *Carmen montana*, etc.), publicou: *Summa psychanalyseos lineamenta* (Gabiniani, 1937); *De poenali iure interpretando* (Roma, 1939) os tratados morais *De virtute Religionis*, *De iustitia et iure* (lit.); *Il lungo cammino del Concilio* (Roma, 1967) e muito recentemente *Freud e il peccato* (Roma, 1967).

FÁTIMA É ESCOLA DE FÉ COM NOSSA SENHORA POR MESTRA

HOMILIA DO ADMINISTRADOR APOSTÓLICO DO PORTO

Também nós, queridos fiéis e diocesanos do Porto, queremos testemunhar em forma solene a nossa gratidão à Virgem neste Jubileu Cinquentenário das Suas Aparições. E viemos de longada, com alma simples e religiosa de peregrinos, até ao Seu Santuário, como se aqui fora o átrio do próprio Céu.

Queremos viver toda a mística da peregrinação, lembrados de que é peregrinal o verdadeiro sentido desta vida terrena.

Caminhamos para o Além, sem parar, impelidos pela força inexorável do tempo. E vamos, não como cativos para um país estrangeiro, mas como homens livres, responsáveis pelo seu caminhar, em direcção à Pátria. Damos as mãos com amor e alenta-nos a esperança comum de chegar ao Santuário eterno. Caminhamos na luz e na noite, na alegria e na dor. Pedimos a Deus olhos límpidos para ver o caminho e fixar as alturas; e não queremos aos ombros outro fardo que não seja o de Cristo. Pois o fardo de Cristo não é peso, é viático; e a limpidez do olhar é a claridade da fé em que tudo se torna luminoso (Mat. 6, 22).

Caminhamos em demanda de Deus. Para isto nascemos e somos: buscar o Senhor, amá-Lo e servi-Lo na comunidade dos irmãos, e regressar a Ele com o destino cumprido. A nossa vida de homens é, assim, uma romagem sagrada no seu carácter mais profundo e tem um significado intrinsecamente religioso: é peregrinação. Manter vivo esse carácter, afirmar esse significado ao longo das actividades profanas, no meio de um mundo secularizado, é timbre de cristãos e homens de fé.

A peregrinação a este lugar santificado pelas comunicações celestes e por tanta oração e sacrifício humanos, pode revelar-nos melhor o alcance transcendente da nossa vida centrada em Deus. A peregrinação resume e espelha a vida; e deve projectar-se e influir na vida, transformando-a toda em peregrinação.

Mas não viemos isolados. Como vivemos, assim peregrinamos em Igreja. Por detrás de nós e unida em espírito a nós, está a grei numerosa a que pertencemos e que representamos: está a Diocese do Porto ou, para usarmos a linguagem cara a São Policarpo, Bispo de há dezasseis séculos, está «a Igreja que peregrina» em toda a região portugalense. (Cf. Padres Apostólicos, B. A. C., p. 661 e 672).

Congregados em volta do altar, sobre esta montanha que é um dos cumes espirituais do Mundo, vamos orar, implorar a paz e celebrar a divina Eucaristia, sacrifício de resgate e sacramento de unidade e recapitulação do Universo, em união com o Santo Padre o Papa e com toda a Igreja de Deus. E lembramos com muito bem-querer os nossos irmãos em Cristo ainda separados da Sua Igreja, e todos os crentes em Deus, e também os descrentes, a fim de que o Senhor faça brilhar para eles a Sua luz e os coloque no caminho certo da vocação comum.

Temos presente de modo especial todo o «povo santo de Deus» da Diocese, nossa comunidade de fé, com as suas Autoridades, o seu Clero, os seus Religiosos, o seu Laicado,

o seu Seminário e demais instituições, os seus movimentos de apostolado, as suas escolas, as múltiplas formas do seu trabalho, os seus anseios de prosperidade e progresso e de participação de todos, em caridade e justiça, nos bens materiais e culturais da civilização hodierna. Pessoas, actividades e aspirações, tudo queremos apresentar ao Senhor em grande ofertório, pelas mãos de Maria, para que tudo sirva melhor ao Amor e se torne mais puro e santo e seja abençoado, consagrado e aceite.

Víamos, irmãos, trazidos pela fé e é nosso desejo — e nossa prece — que neste lugar santo a nossa fé mais se esclareça, se corrobore e se aprofunde. Só a fé explica a nossa peregrinação. Há-de ser também a fé que inspire e informe, pelo interior, o estilo da nossa presença e actuação no mundo e dê sentido peregrinal a toda a nossa vida.

Fátima é escola de fé com Nossa Senhora por Mestre. Porque precisamos de aprender a lição, aqui estamos na atitude humilde de alunos e aprendizes. Deu-nos o Senhor por Mãe Sua própria Mãe: é uma felicidade ter por Mãe Maria, Mestre da fé. Oh! se todas as mães fossem mestras da fé para seus filhos!

Não é possível descrever adequadamente o suave magistério de fé que Maria exerceu e exerce, consubstanciado com a Sua própria missão de Mãe do Salvador e Mãe da Igreja. Mas a sobriedade tão significativa da Escritura é bem eloquente.

O «sim» com que Maria aceitou a maternidade divina foi o mais extraordinário rasgo de uma profissão de fé total que para sempre estabeleceu a Senhora no plano da absoluta adesão e consagração ao seu Deus. A aceitação silenciosa e contemplativa dos mistérios do Natal e da infância de Jesus, a serena confiança manifestada em Caná, a coragem heróica de ao pé da Cruz, a expectativa do Pentecostes no Cenáculo e a oração unânime com a Igreja nascente, todo o perfume de modéstia e discrição dulcíssima, que se exala do perfil bíblico da Senhora, são expressões da fé mais pura e forte, humilde e abnegada.

Maria, Mestre da fé, no decurso bimilenário da história da Igreja, por sua assistência e protecção desvelada, seus conselhos de Mãe, suas intervenções decisivas de milagre.

Maria, Mestre da fé, em cátedra erguida para o Mundo nesta Serra de Aire, a ensinar aos pequenos Videntes e depois às multidões as verdades eternas e a arte de orar, crer e amar.

Humilde Senhora da Guia, da Boa Viagem, e de todas as peregrinações que levam a Deus! Santa Maria da Assunção, padroeira da nossa grei diocesana, Virgem Imaculada a Quem se confia, com a Nação inteira, a Cidade que lhe deu o nome e que sempre se declarou especialmente Vossa! Estrela da manhã, Senhora da luz e dos caminhos, Virgem fiel, Sede da Sabedoria e Trono de graça! Instruí, fortalecei, radicai os povos na verdadeira fé! Por Vossa intercessão, conservai e aumentai em nós o «dom da fé»!

Pela Fé autêntica

Vai-se aproximando do seu termo o Ano da Fé, proclamado por S.S. Paulo VI para comemorar o Martírio dos Apóstolos Pedro e Paulo. O martírio é o testemunho cristão na sua expressão suprema; é a profissão de fé no sangue e na oferta da vida. À luz deste exemplo, o Santo Padre quer que os cristãos de hoje repensem a sua fé, se eduquem ou reeduquem na fé e a vivam em plena consciência e convicção profunda.

A tradição da fé, entre nós, mormente nas regiões do Norte, é um tesouro. E seria grave erro e injustiça desconhecer ou menosprezar o extraordinário valor positivo deste património sagrado.

É normal e designio da Providência receber e seguir a religião de seus pais; e é dever praticá-la em público no seio das comunidades. Hábitos que se criem ou até pressões ambientais que se façam sentir, podem ser salutar na medida em que respeitem as consciências e ajudem as liberdades. Também a boa terra e o bom clima favorecem o desenvolvimento dos seres vivos. Se a religião é adoptada pela massa da gente ou, nas sociedades pluralistas, pela sua maioria, revestirá de modo quase inevitável aspectos sociológicos. E isto não traz inconvenientes, antes pelo contrário, desde que a essência da religião se conserve intacta na objectividade do culto e no apreço das consciências, e não seja afogada em super-estruturas vãs nem desfigurada por excrescências ou aderências supersticiosas. O que às vezes ouvimos por cá apelidar, em tom despiciente, de cristianismo tradicional e sociológico não raro tem dado boa prova no comportamento dos nossos emigrantes. À luz de uma análise e reflexão mais profundas, a fé da gente simples com frequência nos surpreende quer pela sua qualidade quer pela sua motivação. Testemunhos como estes são bem significativos: «sou assim, não só porque assim fui educado, não só porque assim se é na minha terra, mas porque assim é que Deus disse».

O cristianismo não é religião somente para minorias; por outro lado, se se reduzisse a fenómeno meramente sociológico ficaria destruído.

É evidente que não podemos contentar-nos com a fé chamada de tradição. Ela é lastro de equilíbrio e fundamento e estrutura para construção mais bela. Lançar sobre ela um sopro forte de consciencialização e vida — eis em síntese todo o programa da nossa pastoral de hoje para os meios rurais, operário-rurais e ainda (refiro-me ao Norte) para os meios urbanos e suburbanos, embora mais desafectos da Igreja. E é também evidente, irmãos, que a todos nós, sacerdotes, religiosos e leigos, compete empenhar-nos, em acção conjunta, na realização desse programa. Reconhecamo-lo com humildade: com a formação das gerações novas, urge reeducar na fé as gerações de adultos que o precisem e entre as quais Deus sabe se não deveremos incluir-nos.

Há a transformação que o mundo de hoje atravessa e que se desenvolve a um ritmo sem igual no passado. É um processo de crise que atinge as mentalidades e todas as expressões de vida humana e no qual se vêem inevitavelmente envolvidas as pessoas e as populações. Ora, quando se trata do homem, as crises são de raiz espiritual.

O Concílio veio ao encontro desta conjuntura histórica e mostrou ao mundo, a uma luz nova, a santa Igreja de Deus na grandeza da sua missão, na altura do seu magistério, na humildade do seu serviço; e deu testemunho de que a fé está viva e se renova e cresce como nos dias que se seguiram à Ressurreição do Senhor; e convidou todos os homens a participarem do mistério pascal da Salvação.

Não devemos impressionar-nos, irmãos, com a evolução de espírito verificada em certos níveis ou sectores do mundo contemporâneo e com a sua dificuldade em crer.

Por um lado, o progresso científico-técnico que não tem sido acompanhado, no seu surto explosivo, do correspondente desenvolvimento das ciências do espírito, provoca um certo estontamento e perturba ou faz perder o sentido do transcendente. A observação de que os cosmonautas não encontraram vestígios de Deus nos espaços intersiderais, foi de um infantilismo e pobreza mental lastimáveis; e todavia ela está na linha do pretensu endeusamento do homem.

Por outro lado, a formação moral não tem sido suficiente para compensar, no homem, o ingénito desequilíbrio interior que herdou do pecado. Assim se explica a fácil cedência às tentações do terrenismo ou dos humanismos sem transcendência.

Mas Deus continua presente e vivo. É o grande Escondido e, por isso, este século, voltado para o observável e absorvido pelo material, parece às vezes não dar por Ele. Mas Deus é e está. Temos nós de O revelar, em face dos homens, pela nossa fé consciente e vivida. Temos de mostrar-lhes o Senhor Jesus Cristo, pois que, só por Cristo, eles podem ir ao Pai. Temos de levá-los a saborear a palavra que o Senhor diz, no Evangelho de hoje, ao Seu Apóstolo Tomé: «Bem-aventurados os que não viram e creram». Possa o extraordinário dinamismo que hoje se verifica na Igreja pós-conciliar, tornar-se para todos, sem equívocos nem sombras, uma nova epifania de Deus e de Cristo Salvador.

Deste modo se alcançará a vitória sobre o mundo, conforme se lê hoje, na I Epístola de S. João: «Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé». É uma vitória humilde que salva. Vitória sobre tudo quanto é desvario de mentalidade ou ideologia, de sentimento, acção ou relação. Vitória de Cristo Ressuscitado sobre tudo quanto possa significar morte para o espírito. Vitória da luz, da paz, do amor.

Que a Virgem fiel, exemplar dos fiéis, nos ensine a converter a nossa vida em peregrinação de fé.

RENOVE JÁ A SUA ASSINATURA DA REVISTA

FÁTIMA - 50

ENVIANDO A IMPORTÂNCIA RESPECTIVA
E, SE É DEVOTO DE NOSSA SENHORA E GOSTA
DA REVISTA, PROCURE-NOS MAIS UM ASSINANTE

RENOVAMOS A CADA DIA
A NOSSA TRADIÇÃO
DE BONS SERVIÇOS



Organização Bancária

PINTO DE MAGALHÃES

PORTO — R. Sá da Bandeira, 53 — Tel. 201 33
LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Tel. 370021



**AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES
EM TODO O PAÍS E NO EXTERIOR**

CARTA ABERTA

DO CON. BARTHAS AO REV. P.º LAURENTIN

Senhor Professor e caro confrade:

Tendo ouvido que V. esteve em Lisboa no Congresso Mariológico (ao qual a minha avançada idade me impediu de assistir), pensei que V. acompanharia os Congressistas a Fátima e que eu teria, assim, oportunidade de estar consigo.

Ter-me-ia sentido muito feliz por dar-lhe a conhecer a obra «Fatima-Editions», fundada em 1942, para a difusão da Mensagem de Fátima. Suponho que V. a conhece mal pois que escreveu o seguinte: «o trabalho (de exposição histórica dos factos de Fátima) ainda não foi cientificamente feito à hora em que escrevo». Dada a autoridade do seu nome, aconteceu que esta afirmação, reproduzida aqui e além, se tornou numa espécie de estribilho indiscutível. Assim o pude ler, antes de partir para o Congresso de Fátima, na «France Catholique» pela pena de um honesto e leal escritor que assinava L. B. e igualmente em «Les Études» onde o Rev. Pe. Roquette engarça em grosseiras injúrias a crítica dos meus trabalhos.

A negação injusta de qualquer valor histórico ao conjunto da minha obra, sem a menor contemplação, é de molde a prejudicar gravemente a difusão dos meus livros e o que é pior, a interferir na eficácia salvadora da admirável mensagem trazida pela Mãe de Deus e proclamada sobre a azinheira.

Admiro os seus trabalhos sobre Lourdes, porque eles prestaram certamente, à Igreja, grandes serviços. Mas não posso esquecer que eles vieram um século após os acontecimentos sobre os quais versam. Durante cem anos a história dos acontecimentos de Lourdes teve tempo de amadurecer. V. Revdma. fez um bom trabalho, mas tratava-se de cultivar um campo arroteado durante longo tempo e lavrado por duas gerações de trabalhadores dos quais alguns eram escritores de muito valor. Um livreiro afirmou-me que só durante o ano do Centenário tinham sido editados em França mais de 400 livros sobre Lourdes!... E quantos centos mais desde 1865!...

Os meus humildes trabalhos, considerados com desprezo por alguns, na França, tiveram o mérito de, com a cooperação de escritores portugueses, ter aberto um caminho aos historiadores do futuro.

Quando, em 1934, tive conhecimento, através de amigos portugueses, dos acontecimentos da Cova da Iria, (quatro anos depois da aprovação canónica) senti-me muito interessado pelo carácter novo, embora profundamente evangélico, da mensagem que eles contêm, assim como pela admirável vida dos pequenos confidentes da Virgem. E desejei pôr-me a caminho para consultar, no próprio lugar, testemunhas e documentos, com a finalidade de elucidar os leitores dos oito semanários diocesanos cuja redacção me estava confiada (**Croix du Midi**), conjuntamente com os cuidados de uma grande paróquia dos subúrbios.

Preparava-me para partir, durante as férias de 1936, quando rebentou a guerra de Espanha. A fronteira ficaria fechada até 1947, por causa da guerra europeia que se seguiu àquela e a seguir por causa de terem sido totalmente cortadas as relações com o país vizinho. Não esperei pelo fim desta absurda situação. Após inúmeras e prementes instâncias, obtive da Interpol um visto para uma passagem de avião de Paris a Lisboa, em Setembro de 1946.

Todavia, nesse intervalo, já tinha publicado, em folhetim, nos nossos «**Croix**», as narrativas que apesar das dificuldades fronteiriças tinham chegado até mim, quer da parte de D. José da Silva, Bispo de Fátima, quer da parte de outros amigos, particularmente o Pe. Luis Aires da Fonseca, professor do Instituto Bíblico de Roma, autoridades às quais me seria difícil recusar a confiança.

A pedido dos leitores, o folhetim foi publicado em brochura em 1940. Seguiu-se, um ano depois, um livro sobre a vida dos pequenos confidentes da Virgem, vida da qual D. José me disse que a sublimação, pela graça, destas almas de aldeãos simples e ignorantes constituía o maior milagre da Virgem, ainda mais maravilhoso do que a «dança» do Sol. O «**Eram três crianças**» — *Il était trois petits enfants* — em que todos os pormenores são rigorosamente históricos, foi um «best-seller», traduzido em mais de quinze línguas estrangeiras.

Em 1942, sem ter conseguido ainda ir a Portugal, publiquei um primeiro ensaio de síntese: «**Fátima, maravilha inaudita**», em que as imperfeições, devidas principalmente ao carácter muito indirecto das minhas fontes, me saltavam à vista.

Mas desde 1946, as minhas viagens anuais a Portugal permitiram-me, graças à fina bondade do senhor D. José que me deixava verificar, à vontade, os arquivos, confrontar as narrativas dos primeiros historiadores portugueses. Foi assim que eu pude entrevistar-me com **todas as personagens nomeadas nos meus livros, que ainda estão vivas.**

Em 1949, o resultado das minhas investigações foi consignado em «**Fátima, maravilha do século XX, segundo testemunhas e documentos**». Este livro teve muitas e sucessivas edições, todas elas postas ao dia conforme a evolução dos factos e as minhas continuas investigações. A última edição está esgotada e, de acordo com o meu reverendo amigo Pe. Dr. Alonso, preparo uma nova redacção cujo título será: «**FÁTIMA, segundo testemunhas e documentos**».

Recordo-lhe que o que mais me preocupa como padre, consagrado desde há sessenta anos ao serviço das almas nos subúrbios de Toulouse, é o desejo de fazer aceitar pelo povo cristão, não a narração dos acontecimentos maravilhosos de 1917, mas a mensagem salutar que Maria veio trazer ao mundo actual para o salvar do pecado, do ateísmo e da guerra atómica, mensagem de que os prodígios inauditos são mera ilustração.

Com esta finalidade escrevi uma dezena de obras, sobretudo: «**Fátima e os destinos do Mundo**»; «**Da Gruta à Azinheira, Lourdes-Fátima: a magnífica continuidade**»; e ultimamente «**O que a Virgem pede**» cuja tradução já me foi solicitada para três línguas.

Que estes trabalhos, levados a cabo com uma grande pobreza de meios, não merecem absoluto desprezo, passo a prová-lo:

1.º — A aprovação total e os encorajamentos dos responsáveis pelo Santuário e peregrinações, sobretudo do bom D. José da Silva que me prodigalizou toda a classe de manifestações de estima e até afecto, bem como do seu sucessor actual, D. João Pereira Venâncio que houve por bem escrever uma carta de total aprovação da minha obra para aparecer como frontispício de todas as minhas futuras edições.

2.º — As quatro cartas de elogio recebidas da Santa Sé, principalmente aquela em que eu li, com

emoção e reconhecimento que «o soberano Pontífice invocava o auxílio divino sobre a continuação dos meus trabalhos».

3.º — A urgência dos editores estrangeiros em solicitar a autorização para traduzir as minhas obras as quais todos apresentam ao seu público como as melhores, entre outros Herder Vercat de Friburgo, casa bem reputada pelo valor das suas publicações.

4.º — O surpreendente sucesso em Portugal da tradução da minha «FÁTIMA», aparecida este ano somente porque eu tinha recusado, antes do Cinquentenário, todos os direitos aos editores portu- gueses em reconhecimento aos meus amigos de lá que também escreveram sobre Fátima. O editor explica tal sucesso pelo facto, diz ele, de «ser a primeira obra completa aparecida entre nós».

5.º — A unânime aprovação dos congressistas reunidos em Fátima para o Congresso Mariano Internacional de 9 a 13 do último mês de Agosto.

6.º — Os elogios de Mons. Fulton Sheen o qual, já em 1951, no Congresso Mundial da Paz pela Mensagem de Fátima, me felicitou diante de 3000 congressistas pela minha comunicação «a melhor de todas» e me garantiu que os meus livros eram de todos os melhores, que através deles eu tinha conhecido Fátima, pois foram os primeiros a chegar à América do Norte.

7.º — A opinião daquele que V. apresentou como o único historiador válido de Fátima, o meu amigo Pe. Joaquim Alonso, que nem sequer publicou ainda qualquer coisa sobre Fátima a não ser um livro de profunda espiritualidade teológica sobre a consagração ao Imaculado Coração de Maria. Religioso, ele pode ser dispensado durante muito tempo para as suas investigações de historiador, coisa que o meu ministério pastoral me torna impossível. O Rev. Pe. Alonso deu-me a honra de me consultar sobre diversos pontos e de utilizar alguns dos meus documentos.

8.º — Isto pode não ser um critério de valor mas é a opinião de todos quantos se interessam pela história de Fátima de que os meus livros tornaram conhecidas as aparições e a mensagem no Mundo inteiro, (salvo na Alemanha onde me precedeu Luís Fisher).

No passado dia 13 de Maio (1967), em Fátima, entrei num restaurante. Uma senhora convidou-me, em francês, para me sentar num lugar livre à sua

mesa. Os convivas, uma dezena, falavam alemão, mas eu percebia, de vez em quando, a palavra «Barthas».

Intrigado, perguntei à senhora que falava francês se ela conhecia algum alemão com aquele nome. Ela respondeu: estamos a discutir sobre o melhor livro alemão a ler sobre Fátima e estamos a chegar à conclusão de aceitar o conselho do sacerdote que está sentado no extremo da mesa e que nos garante que o melhor é «Fátima» de M. Barthas publicado pela Herder. E poderia citar muitas mais anedotas do género.

Creia, caro confrade que, da minha primeira educação eu conservei uma fé de carvoeiro e como a fé é um precioso dom do Céu, procuro conservá-la na sua integridade e simplicidade. Isto não me impede de raciocinar a minha crença. Não fui eu licenciado em Teologia pelo Instituto Católico de Paris com especialíssima menção na exgesese e doutorado por uma tese duramente discutida sobre «O nacionalismo segundo os ensinamentos de Cristo?» (Evangile et Nationalisme, Spes 1932, résumé dans «Le Christ devant la question nationale» — Fátima — Editions, 1945).

O Rev. Pe. Roquette fala de «uma abundante literatura de edificação». É certo, as livrarias francesas, em grande número, têm tido qualquer livro sobre Fátima mais tais (salvo a brochura do Pe. Castelbranco) são horribes e truncados plágios dos quais tenho mais de trinta na minha biblioteca e a colecção não está completa. M. Gilbert Renault (Rémy) foi o único escritor que realmente me preveniu antes e teve a delicadeza de anotar, frequentes vezes no seu texto, que ele utilizava unicamente os meus trabalhos.

Uma única vez tive o incómodo de processar um plagiário particularmente odioso. Foi condenado para além das minhas exigências.

Em conclusão, posso garantir que lhe ficarei profundamente reconhecido se numa ou noutra das suas crónicas, durante este Cinquentenário, fizer a caridade de atenuar, ainda que só um pouquinho, a severa condenação que constitui para os meus 27 anos de trabalho a afirmação genérica que V. pronunciou, sem dúvida por causa de uma ignorância que esta (muito longa) carta teve a única pretensão de dissipar.



NO MINHO... e nas BEIRAS...

Principalmente nestas Províncias vai uma grande azáfama com as tradicionais culturas desta época. Não se esqueça que o adubo azotado mais indicado para coberturas é o

NITRATO DE CÁLCIO

aquele que não acidifica as terras e de efeito rápido.

Os terrenos cultivados no Continente, na sua grande maioria, são ácidos.

Peça o que é bom e use o que é melhor ou está mais indicado pela técnica e pela experiência.

NÃO POUPE NOS ADUBOS!



Baixo relevo do altar da "Ascensão" na Basílica de Fátima

O ROSÁRIO PELA BÍBLIA

ÚLTIMAS INSTRUÇÕES

Oliveira Figueiredo

A ASCENSÃO

ÚLTIMAS DISPOSIÇÕES DE JESUS

«Aproximou-se Jesus dos Onze e disse-lhes: Foi-me dado todo o poder no céu e sobre a terra (*Mat. 28, 18*) ⁽¹⁾; ide pois ao mundo inteiro e pregai o Evangelho a todas as criaturas (*Marc. 16, 15*); baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo ⁽²⁾, ensinando-as a observar todas as coisas que vos ordenei. E sabeis que eu estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos» ⁽³⁾. (*Mat. 28, 18-20*)

«O que crer e for baptizado, se salvará, mas o que não crer será condenado ⁽⁴⁾. E aos que acreditarem, acompanhá-los-ão estes sinais: em meu nome expulsarão demónios, falarão línguas novas, pegarão em serpentes com as suas mãos, e se beberem veneno mortífero não lhes fará mal; porão as suas mãos sobre os doentes e ficarão bons» ⁽⁵⁾. (*Marc. 16, 16-18*).

«E disse-lhes: Assim está escrito: que o Messias havia de padecer e ressuscitar de entre os mortos ao terceiro dia, e que se havia de pregar em Seu nome penitência e remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. E vós sois testemunhas destas coisas. E eis aqui eu envio a Promessa de meu Pai sobre vós; e vós ficai sossegados na cidade até serdes revestidos de fortaleza lá do alto» ⁽⁶⁾. (*Luc. 24, 46-49*).

«E estando com eles à mesa, ordenou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a Promessa do Pai ⁽⁷⁾. «a qual de mim ouvistes; porque enquanto que João baptizou em água, vós sereis baptizados no Espírito Santo daqui a poucos dias» — Então os que se tinham reunido perguntavam-Lhe: Senhor, é nesta altura que vais restabelecer o reino de Israel? — Disse-lhes: Não vos toca a vós conhecer os tempos ou momentos oportunos que o Pai fixou com o Seu próprio poder; mas recebereis a força do Espírito Santo que virá sobre vós e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos últimos confins da terra» (*Act. 1, 4-8*).

A SUBIDA AO CÉU

«E levou-os para fora até junto de Betânia, ⁽⁸⁾ e levantando as mãos abençoou-os. E enquanto os abençoava, desprendeu-se deles e era elevado ao alto ao céu», (*Luc. 24, 50-51*) «e sentou-se à direita de Deus» ⁽⁹⁾. (*Marc. 16, 19*) ⁽⁹⁾.

«E vendo-O eles, uma nuvem, tomando-O sobre si, ocultou-O aos seus olhos. E enquanto estavam com os olhos cravados no céu olhando como Ele se afastava, de repente se lhes apresentaram dois varões com vestes brancas, os quais lhes disseram: «varões galileus, que fazeis aí parados olhando fixamente o céu? Esse mesmo Jesus que foi tirado do meio de vós para ser elevado ao céu, assim virá, do modo como O vistes ir para o céu» (Act. 1, 9-11).

REGRESSO DOS APÓSTOLOS A JERUSALEM

«Então regressaram a Jerusalém desde o monte chamado Olival, que está perto de Jerusalém, distando um caminho de Sábado (11).

E assim que entraram, subiram ao andar superior, onde tinham o alojamento (12). Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago o de Alfeu e Simão o Zelador, e Judas o de Tiago. Todos estes perseveraram unânimeamente na oração juntamente com as mulheres e com Maria, a Mãe de Jesus, e com Seus irmãos» (Act. 1, 12-14).

MEDITAÇÃO DO MISTÉRIO

Neste quadro contemplamos a consumação das promessas de Jesus. É uma resposta ao nosso desejo do céu; e o regresso definitivo ao Pai, de quem procede e veio ao mundo, é garantia para todos nós a quem prometeu um lugar lá em cima: «Vou preparar-vos um lugar» (João, 14, 2).

Este mistério oferece-se, sobretudo, como luz e advertência para as almas a respeito da vocação de cada um. Está delineado o movimento espiritual que chega à santificação, o anelo de continuas ascensões que preparam a alma à «medida da idade plena de Cristo» (Efés. 4, 13), em tal esforço de perfeição estão compreendidos os sacerdotes, os religiosos e as religiosas, missionários e missionárias, leigos distintíssimos, almas que querem ser o bom odor de Cristo (Cf. II Cor. 2, 15) e vivem já uma transmissão de vida celestial.

O ensinamento desta dezena é uma exortação a não deixar-se distrair pelas coisas que acabrunham, mas a entregar-se à vontade do Senhor que nos conduz para o alto. S.S. João XXIII.

COMENTÁRIO

I—O SIGNIFICADO DO MISTÉRIO

O mistério da Ascensão compreende dois aspectos: 1.º a exaltação celestial, invisível mas real de Cristo ressuscitado que tornou ao Pai para tomar possessão da Sua glória, logo no dia da Ressurreição; 2.º a manifestação sensível desta exaltação aos Apóstolos, depois de várias aparições, e a qual teve lugar na Sua última separação no monte das Oliveiras, quarenta dias depois da Ressurreição.

É neste segundo sentido que geralmente e sobretudo litúrgicamente se entende a palavra «Ascensão».

O facto, porém, de Jesus Cristo ter subido ao céu quarenta dias depois da Sua Ressurreição, não quer dizer que tenha ficado aqueles quarenta dias «sobre a terra». Todos os relatos dos Evangelhos e dos Actos nos sugerem, e a interpretação paulina o confirma, que Cristo está na glória do Pai desde a Sua Ressurreição.

Jesus Cristo está com o Pai e só intervém em muitas ocasiões para confirmar aos homens a Sua Ressurreição. A última aparição pública — ainda há-de ter lugar depois a aparição a Saulo na estrada de Damasco — e a Sua desapareição tiveram lugar no dia da Ascensão.

II — SENTADO A DIREITA DE DEUS

O Evangelista São Marcos é quem usa esta expressão ao narrar, sucintamente, o facto: «foi elevado ao céu e sentou-se à direita de Deus» (Marc. 16, 19).

A «direita» significa um posto de honra e de poder. Assim o entende a literatura hebraica. «Sentar-se» evoca a função judicial. Portanto Cristo, sentando-se à direita do Pai, comparticipa da Sua honra e majestade e recebe d'Ele o poder de julgar os vivos e os mortos.

Compete a Jesus Cristo, pela Sua natureza divina, pois é absolutamente igual ao Pai, e pela Sua natureza humana também, pois não é senão uma só pessoa divina eterna, participar desta glória e poder e merece a adoração dos fiéis, como diz São João no Apocalipse, 5, 12: «O Cordeiro que foi imolado é digno de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e a bênção».

E São Paulo na Epístola aos Hebreus depois de recordar a eternidade do Filho «por quem Deus também criou os mundos» — 1, 2 — e a Sua obra redentora: «obrou por si mesmo a purificação dos pecados», diz que «se sentou à direita da Grandeza nas alturas; exaltado sobre todos os Anjos pois, preferido a todos eles, herdou um nome muito mais grandioso» — 1, 4, nome de Filho, de Senhor, de Deus por direito de nascimento, pois «a qual dos Anjos disse alguma vez (Sal. 12, 7). «Tu és meu Filho, hoje Te gerei» — 1, 5, ou (Sal. 109, 1): «Senta-Te à minha direita até que ponha os Teus inimigos como escabelo de Teus pés?» (Hebr. 1, 13).

E ali recebeu o poder de julgar os vivos e os mortos: «Deus constituiu-O juiz de vivos e mortos» (Act. 10, 42), e isto pelas razões já acima apontadas.

Até como homem convinha que Jesus Cristo recebesse o poder de julgar, pois sendo homem como nós, Deus nos dá um juiz ao mesmo tempo divino e humano: «Não temos um Sumo Sacerdote incapaz de compadecer-se das nossas fraquezas; para assemelhar-se a nós, experimentou-as todas à excepção do pecado. Aproximemo-nos, pois, confiadamente do trono da graça» (Hebr. 4, 15-16).

III—CRISTO NO CÉU E O HOMEM NA TERRA

Contudo não nos deixa sôzinhos na terra: «Estarei convosco todos os dias até ao fim do mundo» (Mat. 28, 20).

O contacto de Cristo com os Seus fiéis mantém-se pela caridade.

Convinha-nos que Ele fosse, para preparar-nos um lugar, para ensinar-nos o caminho do céu, para podermos um dia estar também onde Ele está à direita de Deus (Mat. 19, 28; 20, 23). «Digo-vos a verdade, convém-vos que eu vá». (João, 16, 7.) «Quando eu tiver ido e vos tiver preparado uma morada, voltarei e vos levarei comigo para que ali onde eu estiver vós estejais também; e para que saibais o caminho por onde vou» (João, 14, 3-4).

Não nos deixa órfãos, deu-nos o Seu Espírito que recebemos no Baptismo e faz com que formemos com Ele um só corpo, uma só vida.

E além disso fica connosco na Santíssima Eucaristia.

IV — CONSUMAÇÃO DA OBRA DE CRISTO

Cristo abre-nos, pela Sua Ascensão, as portas do céu: «vou preparar-vos um lugar» (João, 14, 2), levando já consigo as almas dos justos que estavam no limbo: «subindo às alturas, levou consigo os cativos» (Efés. 4, 8).

Penetrando no Santo dos Santos é o nosso sacerdote que não cessa de interceder por nós (Hebr. 7, 25) e cumpre, finalmente, todas as coisas pelas quais Deus criou o mundo: «subiu acima de todos os céus para dar cumprimento a tudo» (Efés. 4, 10).

O R A Ç Ã O

Ó Cristo que reinais nos céus e estais sentado à direita do Pai, habitais entre os Anjos e os Arcanjos, entre os Tronos e as Dominações; Vossos Apóstolos Vos louvam, os Mártires Vos cantam um hino, os Confessores no Paraíso cantam em uníssono e dizem: Bem-aventurados os que dão glória a Deus e com Ele habitam em paz; porque a todos os que se afadigam aqui na terra por amor de Deus, os conduzis aos reinos celestiais.

Por isso é justo que Vos louvemos e bendigamos, pois Vos dignastes chamar-nos da terra ao céu. Alelua.

(Das Ladainhas Maiores, ex Antiph.
Rom. P.L. LXXVIII)

(1) O Senhor reivindica poder soberano e universal como fundamento jurídico da missão que vai confiar aos Seus Apóstolos, enviados.

(2) *Ide pois*: em virtude desta potestade de que eu gozo, encarrego-vos a missão de evangelizar todas as criaturas. Na forma sacramental do Baptismo condensa o Divino Mestre a fé cristã no mistério da Santíssima Trindade.

(3) Não só as verdades que devem crer mas também os preceitos que devem observar. E promete assistência perene à Sua Igreja.

(4) A fé e ao Baptismo fica vinculada a salvação eterna, mas de modo diferente: enquanto que a fé é insubstituível, o Baptismo de água pode ser substituído pelo baptismo de voto ou desejo de ser baptizado, nascido da fé e acompanhado da contrição dos pecados.

(5) Carismas que hão-de observar-se nos Actos dos Apóstolos.

(6) Pontos referentes à missão e pregação dos Apóstolos: *assunto*: Paixão e Ressurreição do Messias; *Penitência e remissão dos pecados*: *autoridade com que deviam pregar*: em Seu nome; *campo da pregação*: todas as nações a começar por Jerusalém; *carácter do ministério*: ser testemunhas; com a Promessa do Pai, o Espírito Santo, pelo qual serão revestidos de fortaleza.

(7) O Espírito Santo.

(8) O monte das Oliveiras, perto de Betânia, onde uma igreja datada do s. IV, perpetua o facto.

(9) Ver o *Comentário*.

(10) Virá com a mesma glória julgar os vivos e os mortos. — Ver *Comentário*.

(11) Pouco mais de um quilómetro, a distância máxima que se permitia aos judeus percorrer em dia de Sábado.

(12) É provavelmente o Cenáculo onde Jesus instituiu a Sagrada Eucaristia, a «casa de Maria» mãe de Marcos, de que se fala no cap. 12, 12.

Iniciamos com este número, o segundo ano de publicação da nossa revista. Deve-se ao entusiasmo de quantos colaboraram connosco o ter mantido durante todo o Cinquentenário a sua edição regular, lançando os alicerces da sua continuidade. Não faltou um especial auxílio de Deus, por intermédio de Nossa Senhora. Uma palavra de agradecimento a todos os amigos que assinaram ou compraram avulso a revista, tendo quase esgotado os dois primeiros números. Pedimos a todos os simpaticizantes para colaborarem connosco na angariação de novos assinantes.

Se o esforço conjunto se mantiver prosseguiremos no caminho traçado de dar a conhecer ao Mundo a Mensagem de Fátima, num contributo leal para o Progresso e a Paz.

Temos já à venda as capas para a colecção da revista, ao preço de 40\$00. Todos os pedidos devem ser feitos directamente pois a limitação do preço não permite descontos.

Se vier a Fátima ou mesmo sem vir, não deixe de adquirir uma estampa grande (para encaixilhar) ou pequena (para registo de livros) do Papa Paulo VI, o Humilde Peregrino de Nossa Senhora de Fátima. Procure-as ou encomende-as na Administração de FÁTIMA-50 e noutros locais do Santuário. Descontos substanciais para quantidades.

ENCERRAMENTO DO CINQUENTENÁRIO

EXCERTOS DA PASTORAL DO BISPO DE LEIRIA

Venho hoje, de novo, e nesta Festa jubílica da Páscoa da Ressurreição, dirigir-vos a minha humilde palavra, movido pelos mesmos sentimentos. É que, posto, sem de modo algum o merecer, à frente dos cuidados pastorais da Diocese, parece-me ouvir, sem cessar, a grave admoestação de S. Paulo, na sua primeira carta aos fiéis de Corinto (9, 16): «... ai de mim, se não prego o Evangelho».

Aparições de Fátima. Não precisamente para fazer um simples anúncio de encerramento dum facto que passou ou em breve vai passar à história, mas, antes e muito melhor, para declarar aberto desde já o novo Cinquentenário, que se vai iniciar com as mais esperançosas perspectivas. Queria colocar esse futuro nas mãos de Deus e da nossa Celeste Padroeira, Senhora de Fátima, Patrona Principal da Diocese por Ela escolhida para trono de Suas graças, com tanta plenitude derramadas sobre os homens, dos quais é Mãe, Rainha e Senhora, nestes cinquenta anos de história maravilhosas.

Realmente, esta Carta Pastoral não quer recolher as lições destes cinquenta anos de vida fecunda em torno do Santuário bendito de Fátima, senão para poder projectá-los em toda a sua intensidade, no futuro que aí vem, como sinais eficazes e criadores das novas energias que agitam hoje esta Igreja Conciliar, no difícil mundo dos nossos dias.

Demais, coincidiu providencialmente o Cinquentenário com o «ANO DA FÉ», em boa hora proclamado pelo Papa Paulo VI. Seguindo as suas directrizes, desejo tirar do facto pretexto para umas tantas reflexões à volta das relações íntimas que ressaltam entre a Mensagem de Fátima e uma vida de fé sincera e profunda.

Finalmente, à vista das maravilhas que o Senhor operou ante nossos olhos, no decurso destes cinquenta anos, por meio de Sua Mãe Santíssima na terra santificada pelos seus pés virginais, maravilhas que procurámos celebrar o melhor que nos foi possível, como não sentir-nos animados de santa alegria para entoar, de novo, o mais comovido e jubilo hino de acção de graças? Como encerrar o cinquentenário, sem recordar agradecidos a quantos gloriosamente nos precederam com o sinal da mesma fé?

I — 50 ANOS DE GRAÇA...

Ao recordar o Salmista os benefícios de Deus para com o Seu Povo, cantava:

O que ouvimos e aprendemos
e nossos pais nos contaram,
não o ocultaremos aos seus filhos:
narramos à geração vindoura
os feitos do Senhor e o Seu poder
e as maravilhas que Ele fez.
...para que em Deus coloquemos a sua confiança
e não esqueçamos as obras de Deus,
mas observemos os Seus mandamentos.

(Ps. 77 (78), 3-7, Bíblia, ed. monumental)

É também este o sentimento, que rompe espontâneo do nosso coração, ao contemplar este meio século decorrido desde que a piedosa e sempre Virgem Maria, nossa Rainha e Senhora, quis fazer florir em graça o deserto da Serra de Aire. «Quem é esta que sobe o deserto inebriada de delícias, apoiada sobre o seu amado?» (Cant. 8, 5). É Ela, a flor das flores do nosso campo e o lírio de nossos serenos vales (Cant. 2, 1). Trouxe Ela, em Seu manto virginal, uma primavera de esperança para a nossa Terra; e as flores apareceram por toda a parte (Cant. 2, 12). Ela, a raiz de Jessé, donde brotou a flor da nossa redenção, Cristo Jesus (Is. 11, 1). Ela, a que sempre e só produz frutos de honra e de honestidade (Ecl. 24, 23). Ela que, nestes cinquenta anos, e sempre, foi a «Glória de Jerusalém, a alegria de Israel, a honra do nosso Povo» (Jud. 15, 10). Por Ela, num momento tristíssimo da nossa história, o pranto se converteu em gozo (Est. 9, 12) e a nossa querida Pátria, violentamente despojada das suas antigas e santas tradições, pôde ouvir de novo a bênção do Profeta: «Alegra-te, estéril, que não dás à luz; entoa cânticos de louvor e de júbilo, tu que não tinhas filhos... Alarga o espaço da tua tenda, e es-

tende quanto puderes as peles dos teus pavilhões; alonga as tuas cordas e segura as tuas estacas. Porque tu te estenderás para a direita e para a esquerda; e a tua posteridade tomará posse das nações, e povoará as cidades desertas». (Is. 54, 1-3)

Como bem sabeis, o ciclo das Aparições da Virgem Santíssima e sua consequente Mensagem, fechou-se no dia 13 de Outubro de 1917, pondo-lhe Deus o selo de Suas obras com o estupendo milagre do sol.

Nada importa, caríssimos Diocesanos, que a ciência humana possa pretender descobrir hoje semelhanças, sempre problemáticas, entre aquele maravilhoso fenómeno, contemplado por tantos milhares de pessoas, muitas das quais vivem ainda, e outros fenómenos que podem verificar-se em determinadas condições naturais. Os «Sinais de Deus», na verdade, sempre se apresentam num contexto religioso claro e definido que descobre a presença indiscutível do poder do Alto. E, por outra parte, é historicamente certo que o fenómeno foi anunciado muitos meses antes para dia e hora determinados, em condições impossíveis de prever. O Senhor D. José, de santa memória, escreveu:

«O fenómeno solar de 13 de Outubro de 1917, descrito nos jornais da época, foi o mais maravilhoso e o que maior impressão causou aos que tiveram a felicidade de o presenciar.

As crianças fixaram com antecedência o dia e hora em que se havia de dar. A notícia correu veloz por todo o Portugal e apesar de o dia estar desabrido, chover copiosamente, juntaram-se milhares e milhares de pessoas que, à hora da última Aparição, presenciaram todas as manifestações do astro-rei, homenageando a Rainha do Céu e da Terra, mais brilhante do que o sol no auge das suas luzes (Cant. 6, 9).

Esse fenómeno que nenhum observatório astronómico registou e, portanto, não foi natural, presenciaram-no pessoas de todas as categorias e classes sociais, crentes e descrentes, jornalistas dos principais diários portugueses e até indivíduos a quilómetros de distância, o que destrói toda a explicação de ilusão colectiva». (A Providência Divina, ed. da União Gráfica, pág. 11).

Com esta garantia divina, fechava-se, dizia, o ciclo das Aparições Marianas e da sua Mensagem. Nessas seis aparições, de Maio a Outubro de 1917, e no que a Virgem Maria quis comunicar aos pequenos videntes, se encontra o que um autor, não há muito e com razão, chamou a fase da revelação de Fátima.

Como bem sabeis igualmente, a Mensagem de Fátima, por ocultos designios da Providência, que tudo regula com peso e medida (Sap. 11,21) não se tornou pública toda de uma vez. Foi essa mesma Providência que sustentou a fraqueza dos pequenos videntes e guiou a acção pastoral maravilhosa do venerando Bispo de Leiria, Senhor D. José, para ir manifestando, no momento próprio, o que prudentemente podia contribuir para a glória de Deus e bem das almas. Só hoje podemos dar-nos conta de que certas impaciências em exigir a publicação imprudente e imediata de tudo, não teriam sido guiadas pelo Espírito do Conselho; e de que a actuação lenta da Jerarquia da Igreja é assistida pelo Espírito, simultaneamente de Fortaleza e Suavidade, que tudo dirige para bem dos eleitos.

Tudo aquilo, pois, que, no decurso destes cinquenta anos, Fátima foi manifestando ante a expectativa entusiasta da Igreja, tinha sido já comunicado naqueles misteriosos colóquios da Virgem, nossa Rainha e Senhora, com os pastorinhos da Serra. O que foi revelado posteriormente não foi mais que a manifestação externa ou o cumprimento do que já se tinha dito ou prometido dizer por parte da Virgem Santíssima. Fátima não deve cindir-se em duas partes, como em juízo de Salomão. Isso seria viviseccão mortífera. Fátima possui unidade histórica, como igualmente é detentora de perfeita unidade intrínseca.

O nosso bom povo português, simples e devoto, começou logo a compreender, com o instinto da fé, e a viver, movido pelo Espírito de Deus, as primeiras manifestações da Mensagem: a oração, a reza do Terço, a penitência, a piedosa peregrinação. Há-de escrever-se um dia a história maravilhosa das «Peregrinações de Fátima», a qual certamente se fará eco das graças singulares que atraem sobre os que as praticam no espírito da Mensagem. Podemos já hoje verificar os fenómenos extraordinários de afluência de multidões jamais vistas, de piedade fervorosa e bem sentida, de oração recolhida e devota, de prática penitencial e eucarística — tudo num calor e vivacidade que, mau grado, os anos decorridos, se tem acentuado num crescendo contínuo.

Foi ele, esse povo humilde — anónimo e grande actor —, e não o interesse humano do Clero, quem sustentou e defendeu Fátima desde as primeiras e graves provas por que a malícia dos tempos e dos homens a fizeram passar. Foi esse povo humilde e bom o que contribuiu decisivamente para que a Jerarquia pudesse advertir com clareza a Mão de Deus nos misteriosos acontecimentos. É neste sentido que deve interpretar-se a frase célebre do Em.º Cardeal Patriarca de Lisboa, nosso Venerando Metropolita: «Não foi a Igreja que impôs Fátima. Foi Fátima que se impôs à Igreja».

Diante dos «Sinais de Deus», que o Senhor D. José logo descobriu, começa o Venerando Prelado por autorizar o culto público, na Cova da Iria (Setembro de 1921); e em Maio de 1922, nomeia a Comissão Canónica que abre o Processo Diocesano das Aparições.

Ao aludir a este facto central na história de Fátima, não posso deixar de me referir a duas personalidades que foram os seus principais artífices. Uma que dorme já o sono dos justos e que, indubitavelmente, está na base dos maravilhosos acontecimentos, como instrumento providencial sem o qual muito se teria perdido do que hoje possuímos e como seu primeiro e insubstituível historiador — o saudoso Cônego Dr. Manuel Nunes Formigão; a outra, felizmente ainda entre nós e que durante larguíssimos anos dirigiu as peregrinações do Santuário e continua inteiramente dedicado ao serviço da Diocese, o ilustre e muito estimado Monsenhor Manuel Marques dos Santos.

Em virtude das considerações expostas e outras que omitimos por brevidade, invocando humildemente o Divino Espírito Santo e confiados na protecção de Maria Santíssima, depois de ouvirmos os Revs. Consultores desta nossa Diocese:

Havemos por bem:

1.º — declarar como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria, freguesia de Fátima, desta Diocese, nos dias 13 de Maio a Outubro de 1917;

2.º — permitir oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima». («A Divina Providência», ed. cit., pág. 8 e 15).

Quais foram as razões que moveram o Senhor D. José a dar a sua sentença definitiva?

Podemos resumir-las assim: em primeiro lugar, nada havia que pudesse explicar *naturalmente* o que tinha acontecido: nem o lugar pobre, agreste e sem atractivos; nem os videntes, simples, ignorantes e humildes crianças da Serra; nem o interesse do Clero que, pelo contrário, se lhe opôs. Havia, ao invés, razões positivas de que a acção *sobrenatural* de Deus estava ali presente, manifestando-se nas suas maravilhas: os fenómenos miraculosos que acompanharam e seguiram as aparições, testemunhados por tanta gente, sobretudo o fenómeno solar do dia 13 de Outubro; a ineficácia das perseguições que, humanamente falando, atiram para o olvido e para o fracasso outras instituições e acontecimentos que não têm o selo de Deus; a firmeza e constância heroica, naturalmente inexplicável, de três pobres crianças; os frutos de Deus que se recolhiam em graças de toda a ordem, corporal e espiritual, indubitavelmente averiguadas através de testemunhas dignas de fé.

Com esta verdadeira «Charta Magna», entrava Fátima nos acontecimentos mais grandiosos que nunca hajam contemplado os mais famosos Santuários Marianos.

Iniciam-se estes com a grande Peregrinação Nacional de 13 de Maio de 1931. Nela, com a assistência de todo o Episcopado Português, o Em.º Cardeal Patriarca de Lisboa consagra a Nação Portuguesa ao Coração Imaculado de Maria, usando a bela fórmula conhecida:

«Senhora do Rosário, cujo Coração é a fiel imagem do Coração de Vosso Filho...

Senhora das Dores, cujo Coração foi traspassado por um gládio de dor...

Finalmente, como remédio para a guerra que acabava de estalar violenta e atroz, o Senhor D. José, no dia 13 de Setembro, à homilia da Missa na Cova da Iria, faz a publicação oficial dos primeiros sábados do mês («Voz da Fátima», Out. de 1939).

O Senhor Cardeal Patriarca, nas palavras citadas, indicava Portugal como exemplo para o mundo inteiro. Efectivamente, o ano de 1942 assinala outra data cimeira nos anais da história de Fátima. Muitas e relevantes circunstâncias concorriam, nesse ano, (como nota o Rev. Dr. Alonso — «Brotéria», vol. LXXXV, 1967, pág. 25 e 26), para que Fátima viesse a ser colocada, segundo os planos da Providência Divina, no candelabro da Igreja: o 25.º aniversário das Aparições, a providencial coincidência de datas da consagração episcopal do então Vigário de Cristo, Pio XII, e da 1.ª Aparição no dia 13 de Maio de 1917; e, emprestando ao conjunto um fudo escatológico, que punha em comocão toda a Igreja, a guerra com o seu horrível cortejo de mortes, depredações, ruínas, deportações em massa, de fome e de misérias de toda a espécie. O mundo parecia ter perdido o sentido de Deus e estava entregue à fúria dos sinistros cavaleiros do Apocalipse (Apoc. cap. 6).

É então, qual raio de esperança no meio da mais furiosa e desfeita tempestade a rasgar a noite densa, que se dão a conhecer publicamente, não sem receios e incertezas, as duas primeiras partes da Mensagem de Fátima: a *visão do Inferno*, como espantosa realidade, fruto

desse mistério da impiedade (2 Thes. 2, 7) que convulsionava o mundo pecador; e o *Coração Imaculado de Maria*, como Arco-íris de esperança salvadora.

Quando se comentaram estas duas partes da Mensagem de Fátima, acentuou-se, por vezes, em excesso e unilateralmente, os seus aspectos escatológicos impressionantes. E até, não raro, se fixaram, com demasiado poder imaginativo, em realidades históricas concretas, sempre transitórias. Mas esqueceu-se, por outra parte o seu significado interno e permanente que está na base de tudo. Pode, na realidade, ser fácil e excessivamente cómodo, carregar o acento sobre uma palavra, por exemplo, «Rússia», esquecendo demasiado tudo o mais. A Mensagem de Fátima como todas as mensagens que nos vêm do Alto não são fáceis chaves para forçar as portas do Céu. E as grandes promessas dos Primeiros Sábados não podem eximir da fuga do pecado nem da prática da penitência e mortificação cristã. O Senhor diz, com energia e clareza, que «o reino dos Céus sofre violência e que só os violentos o alcançam» (Mat. 11, 12). A Consagração do mundo e daquela nação, digna de particular interesse, ao Coração Imaculado de Maria não pode consistir na simples recitação de uma fórmula mágica. Tem de ser o fruto da conversão e mudança íntima do coração dos homens. E esta exigência necessariamente nos atinge a todos, no oriente como no ocidente. Fátima, torno a repetir o que já disse doutra vez, não nos foi dada pelo Céu como bandeira de facção política ou de partido, mas como lábaro santo, no qual escreveu a Mãe de Deus: «*In hoc signo vinces*» — com este sinal vencerás.

E assim, naquele inolvidável 31 de Outubro de 1942, ao encerrar do Vaticano o 25.º aniversário das Aparições de Fátima, clamava, cheio de angústia, o Servo de Deus, Pio XII, falando na nossa língua:

«A Vós, ao Vosso Coração Imaculado, Nós como Pai comum da grande família cristã, como Vigário d'Aquele a Quem foi dado todo o poder no Céu e na Terra (Mat. 28, 18),... — a Vós, ao Vosso Coração Imaculado, nesta hora trágica da história humana, confiamos, entregamos, consagramos não só a Santa Igreja, corpo místico do Vosso Jesus, que pena e sangra em tantas partes e por tantos modos atribulada, mas também todo o mundo,...» (Cfr. «Lumen», 1942, pág. 669).

Fátima e o Concílio Ecuménico!... Quem pudera imaginá-lo?!... Porque, realmente, o que já então corria com insistência e certa imprensa mundial repetia de bom grado, era que o Concílio, com suas directrices renovadoras de carácter litúrgico e ecuménico, havia de fazer esquecer todos esses fenómenos carismáticos, «não-essenciais» à Igreja, absolutamente «marginais»...

E, no entanto, acontece exactamente o contrário: o II Concílio do Vaticano foi o primeiro Concílio Ecuménico que sublinhou o justo lugar do Carisma na Igreja. É elucidativo o texto fundamental que transcrevo para aqui:

«Estes Carismas, quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com acção de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja. Mas os dons extraordinários não se devem pedir temerariamente, nem deles se devem esperar com presunção os frutos das obras apostólicas; e o juízo acerca da sua autenticidade e recto uso, pertence àqueles que presidem na Igreja e aos quais compete de modo especial não extinguir o Espírito mas julgar tudo e conservar o que é bom (Cfr. 1 Tess. 5, 12. 19 - 21)».

Ora, é à luz destes documentos do II Concílio do Vaticano que deve ser compreendido, em todo o seu alcance e significado, o gesto do Soberano Pontífice ao referir-se publicamente, na presença da Igreja Hierárquica, oficialmente reunida na Aula Conciliar e em acto conciliar, à realidade de Fátima, anunciando, no encerramento da Terceira Sessão do Concílio, que ia mandar ao Santuário da Cova da Iria a Rosa de Ouro, e renovando, na mesma altura e em comunhão com todos os Bispos, a consagração do Mundo ao Coração Imaculado de Maria, a que antes se referira.

Permito-me salientar que, nestes documentos, o Santo Padre põe em relevo, ligando-os entre si, 4 pontos:

- Proclamação de Maria, Mãe da Igreja;
- Oferta da Rosa de Ouro ao Santuário de Fátima;
- Em memória da consagração do mundo ao Coração Imaculado de Maria, realizada por Pio XII e por Ele mesmo renovada;
- Para atrair graças sobre o Concílio e para a paz do mundo.

Não preciso, caríssimos Diocesanos, de chamar a vossa atenção para a estreitíssima relação que têm todos estes temas, ideias e factos com a Mensagem de Fátima. Nem, muito menos, advertir-vos da glória que daí resultou para o nosso querido Santuário e Diocese.

Mas o Senhor, que quer glorificar Sua Mãe Santíssima, reservava-nos outra surpresa maior: a visita memorável do Papa, em pessoa, já tão benemérito do Santuário de Fátima. Essa visita, meus caros Diocesanos, está tão presente, ficou gravada tão profundamente em nossos olhos e corações; deu origem a tantos e tão insígnos monumentos literários, artísticos e fotográficos, que não precisamos de descrevê-lo de novo.

Que mais, caríssimos Diocesanos, podíamos desejar para uma comemoração digna do Cinquentenário do que esta visita do Papa, Vigário de Cristo na Terra? Constitua o facto um verdadeiro milagre, primeiro, do amor de Deus para com Sua Mãe; e, depois, dessa devoção acendrada a Maria de que nos deu o Padre Santo tão maravilhoso exemplo.

Podíamos, torno a perguntar, desejar mais, como confirmação segura de que Deus estava connosco na pessoa augusta do Seu Vigário na Terra?

Assim, de maneira extraordinária, digna e maravilhosa se enchia o ano cinquentenário das mais promissoras esperanças no que respeita ao culto e devoção a Nossa Senhora de Fátima.

II — O ANO DA FÉ E A MENSAGEM DE FÁTIMA

Ao contemplar a história da salvação, descobrimos o caminho que na realidade o Senhor quis seguir para vir até nós. Fê-lo através da Encarnação no seio puríssimo de Nossa Senhora. Podia salvar-nos doutras muitas maneiras. Mas escolheu esta. É esta que devemos adorar e dela tirar todas as consequências.

Também o Senhor, na distribuição da graça escolheu muitos meios. Devemos aceitá-los todos.

Entre estes, não há dúvida que, no decorrer da história sagrada, marcou lugares aos quais liga a Sua graça. E um deles e bem insigne, pelo que pudemos observar nestes 50 anos, é o Santuário da Cova da Iria. Dele podemos dizer o que disse Jacob ao acordar: «*Quão terrível é este lugar! Não há aqui outra coisa senão a Casa de Deus e a porta do Céu*» (Gen. 28, 17).

O temor sagrado manifestado por Jacob devemos nós alimentá-lo a respeito do «lugar sagrado» que o Senhor nos deu e confiou por Sua Mãe. Dele depende, na verdade, a glória de Deus, a veneratione devida a Sua Mãe e, conseqüentemente, a salvação de almas sem número. Por isso, convencido das nossas grandes responsabilidades, como «dispenseiros da multiforme graça de Deus» (I Petr. 4, 10), vos estou a convidar a reflectir comigo sobre a maneira de guardar e defender o tesouro de fé e de graça que é o culto e veneração a Nossa Senhora de Fátima. Tudo o que neste sentido penso dizer-vos pode resumir-se nesta frase que vamos comentar juntamente:

«*Viver a Mensagem de Fátima, é uma das melhores maneiras de actualizar a fé nos nossos dias, segundo as exigências e os perigos assinalados pelo nosso Santíssimo Padre, o Papa Paulo VI, ao instituir o Ano da Fé*».

Na sua Exortação Apostólica «*Petrum et Paulum*», de 22 de Fev. de 1967, instituiu Sua Santidade o Ano da Fé, para comemorar o XIX centenário do glorioso martírio dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo.

Vou recordar alguns dos ensinamentos pontifícios, antes de aplicá-los à vivência da Mensagem de Fátima.

Como celebrar, pergunta Sua Santidade, este Centenário?

«... pedimo-vos que a celebrais (a memória dos Santos Apóstolos) com uma autêntica e sincera profissão da mesma fé, tal como a Igreja por eles fundada e tornada ilustre, a recolheu zelosamente e a formulou com autoridade. Profissão de fé que queremos oferecer aos Santos Apóstolos, individual e colectiva, livre e consciente, interior e exterior, humilde e franca».

É esta «uma necessidade premente da hora actual», continua o Santo Padre. «Vós sabeis-lo... a evolução do mundo moderno, lançado em maravilhosas conquistas no domínio das realidades visíveis, orgulhoso da consciência que cada vez mais toma de si mesmo, é levado ao esquecimento e à negação de Deus...». E «onde falta Deus falta também a razão suprema das coisas, a luz das certezas primeiras, o imperativo moral indiscutível, dos quais a ordem humana tem necessidade» (Cfr. *Acção Cat. Port.*, n.º 386, pág. 8).

É nesta altura que quisera, caríssimos Diocesanos, fazer-vos advertir, na benéfica influência da Mensagem de Fátima, como meio vital e simples de viver a fé.

Bem sabeis — e tem-vos sido dito vezes sem número — que a nossa fé está fundada, como diz S. Paulo, no fundamento dos Apóstolos e dos Profetas (Ef. 2, 20), quer dizer, na revelação pública, contida na Tradição da Igreja e nos Livros inspirados que constituem a Sagrada Escritura. Mas é pena que, ao fazer-se esta fundamental e verdadeira afirmação, se tenha, tantas vezes, em vista diminuir e até, menosprezar esses outros auxílios extraordinários que Deus concede à Igreja, umas vezes para a despertar de uma fé, talvez adormecida, e, outras, para a robustecer numa fé periclitante.

Pois bem, caríssimos Diocesanos, Fátima manifestou-se, em nossos dias, como um carisma extraordinário concedido à Igreja, verdadeiro dom do Espírito Consolador, nos tempos difíceis que a mesma atravessa. A sua Mensagem encerra um conteúdo doutrinário tão vasto que pode afoitamente dizer-se que lhe não escapa nenhum dos temas fundamentais da fé cristã.

Apesar deste riquíssimo conteúdo doutrinário, não é precisamente aqui que devemos descobrir as mais importantes manifestações do Carisma de Fátima; mas sim na sua forte «chamada de espírito profético» à reforma de vida, ao cumprimento dos deveres de estado, a uma vida cristã interna de fé, vivida em toda a sua profundidade.

Ressalta, portanto, a relação íntima que tem a Mensagem de Fátima com o *Ano da Fé*; e como, nessa relação mútua vital, se deve centrar a visão do futuro, após o glorioso cinquentenário que vamos encerrar.

Fátima é hoje — não julgo exagerar — uma das formas mais perfeitadas de viver a fé cristã, como meio de levar a vinda a uma grave crise de fé, segundo o espírito e intenção que teve Paulo VI ao estabelecer o *Ano da Fé*.

III — ACÇÃO DE GRAÇAS

Primeiro ao Pai Celestial, de quem procede toda a dádiva boa e todo o dom perfeito (Jac. 1, 17). A Ele nos dirigimos, pelo Filho no Espírito Santo, repetindo as palavras do próprio Cristo: «*Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e prudentes e as revelaste aos pequeninos*». (Mat. 11, 25). E aquelas de S. Paulo: «*Bendito seja o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, lá dos Céus, nos encheu com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo*» (Ef. 1, 3).

Mas o meu agradecimento, pelos benefícios destes gloriosos cinquenta anos, dirige-se também a todos aqueles que, na terra, contribuíram para dar glória e esplendor ao culto e veneração da Virgem Senhora de Fátima.

Nem poderia deixar no olvido os meios de comunicação social, públicos ou privados, — Imprensa, Rádio e Televisão — todos beneméritos do Santuário e imprescindíveis pregoeiros da sua celeste mensagem.

O meu agradecimento volta-se agora, e finalmente, para as multidões, milhões e milhões de fiéis que, em vagas sempre crescentes, têm vindo à terra sagrada da Cova da Iria: multidões portuguesas, exemplo vivo da fé tradicional do nosso povo, renovado pelo «Milagre de Fátima»; multidões de peregrinos estrangeiros, de perto e de longe, de aquém e além oceano, de remotas ilhas, dos mais afastados continentes... Contemplando-os com recordação comovida, fica-se com a impressão da Igreja Peregrina, sempre em marcha até à Jerusalém Celeste. Não é esse, de resto, o sentido último de toda a peregrinação? Fátima, nestes 50 anos, tornou-se o símbolo da Jerusalém do Céu, que é a nossa Mãe (Gal. 4, 26); para ali têm dirigido o seu olhar todos os povos e nações em busca da última esperança. E assim é, na verdade: ali, no alto da Serra de Aire, levanta-se a torre do Santuário, dizendo ao mundo e à Igreja que naquele lugar, um dia, apareceu a Mãe solícita que não pode esquecer os seus filhos neste vale de lágrimas; que ali se encontra Ela, a Mãe do Amor Formoso, com um Coração anelante e sempre em busca do melhor bem dos seus filhos. Que nunca ninguém a Ela recorreu e ficou confundido!...

Não poderia eu, seu humilde sucessor, dar melhor remate às palavras que aí ficam. Que a Virgem Santíssima se digne acolher as nossas súplicas e votos e levá-los até ao Trono de Deus, Seu Filho, alcançando-nos a graça de corresponder, de cada vez melhor, aos benefícios que nos trouxe com as suas Aparições em Fátima.

RESÚMENES

FÁTIMA Y LA FE

Un misterioso paso de los manuscritos de la Hermana Lucía en que nos revela parte del secreto confiado por la Madre de Dios a los videntes, nos dice que «en Portugal se conservará siempre el dogma de la fe...» Consoladora esperanza en el mundo actual tan violentamente sacudido por la duda. Estamos celebrando el Año de la Fe. Fátima es como un faro para iluminar nuestra fe ya que nos presenta la Virgen como modelo de nuestra fe. De Ella dijo Santa Isabel: «Bienaventurada tu que creíste!» De hecho, por su fe, la Virgen mereció ser Madre de Dios. Y continúa, por la fe, a ser Madre nuestra a quién debemos imitar. Recordamos, a este propósito, algunas palabras pronunciadas por Pablo VI en Fátima: «La fe en Dios es la luz suprema de la humanidad; y esta luz no sólo no debe apagarse en el corazón de los hombres mas, por lo contrario, se debe de acender de nuevo mediante el estímulo que le viene de la ciencia y del progreso».

PRIMER ANIVERSARIO DE NUESTRA REVISTA

Iniciamos el segundo año de publicación de FÁTIMA — 50. Un feliz acontecimiento para cualquier publicación, debe serlo con mucho mayor razón para una publicación como esta. Han sido vencidas las primeras y sin duda mayores dificultades para singlar. Abierto el camino, esperamos, con la ayuda de nuestros lectores y suscritores, continuar a ser un pregonero del Mensaje de Nuestra Señora de Fátima pues esta es la finalidad de nuestra publicación. Durante el año cincuentenario, a par de artículos que nos han hablado del mensaje, se ha dado relieve a todo cuanto aquí se desarrolló para conmemorar la venida de la Virgen a tierra portuguesa. En adelante se dará más relieve, como es natural, a lo que constituye el valor fundamental de Fátima, su mensaje de oración y penitencia para la paz.

LOS ESCRITOS SOBRE FÁTIMA

Por justicia y por deber de gratitud publicamos en este número una carta abierta de nuestro estimado colaborador C. Barthas al P. Laurentin, a propósito de unas insidiosas palabras que colocan la obra de nuestro distinto escritor de Fátima en baja consideración de autenticidad. Porque la obra del C. Barthas sobre Fátima es absolutamente válida tanto crítica como historicamente, publicamos los argumentos con los cuales el Autor dignamente defiende la verdad y la sinceridad de su trabajo de muchos años de sacrificio y dedicación a la exaltación de la Madre de Dios y divulgación de su mensaje de paz, amor y misericordia. El C. Barthas ha sido un auténtico pionero, en todo mundo, del conocimiento del caso de Fátima y de su doctrina. Muchos de los que han escrito sobre Fátima han tenido que consultar sus obras y a él deben el primer impulso.

PARA UNA DEFINICIÓN DE LA PAZ SEGUN EL MENSAJE DE FÁTIMA

El tercer artículo sobre este motivo es consagrado al pensamiento de Pablo VI. Son abundantísimos los documentos de este Pontífice sobre la Paz. Los más directamente ligados con la definición de la Paz según el Mensaje de Fátima son, indubitablemente, los discursos pronunciados a propósito de su peregrinación a Cova da Iria y en los cuales se afirma claramente que la oración y la penitencia pertenecen a la esencia de la Paz y, por tanto, están en la base de una definición valedera. Pero hay muchos documentos más a que el Autor se refiere después de un concienzudo estudio, como el discurso pronunciado por Pablo VI en la Sede de las Naciones Unidas, el discurso a los Padres Conciliares, el anuncio del Día de la Paz, Radiomensaje navideño y homilia de Navidad de 1967, así como el discurso el día de Año Nuevo, 1968 y aún la Encíclica *Populorum Progressio*. El Autor resume este artículo con la siguiente definición: «La Paz es el desarrollo armónico de todos los pueblos en la solidaridad de los pueblos ricos con los pueblos menos favorecidos, por inspiración de la fraternidad y justicia, con el auxilio de Dios Padre bondosísimo y misericordioso que, por intercesión de su Madre la cual vino a recordar a la tierra los principios básicos de la armonía cristiana, acude en auxilio de sus hijos, todos los hombres de buena voluntad».

RÉSUMÉS

FATIMA ET LA FOI

Dans les manuscrits où Soeur Lucie nous révèle une partie du secret confié aux voyants par la Mère de Dieu, un mystérieux passage nous dit que «au Portugal on conservera toujours le dogme de la foi...» Consolante espoir dans le Monde actuel si ébranlé par le doute. Nous célébrons l'Année de la Foi. Fatima est un flambeau pour éclairer notre foi car il nous présente Notre-Dame comme modèle de notre foi. C'est à Elle que s'adressait Sainte Elisabeth en disant: «Bienheureuse toi qui a cru!» De fait, par sa foi la Vierge Marie a mérité d'être la Mère de Dieu. Et Elle continue, par la foi, à être notre Mère, la Mère que nous devons imiter.

Nous rappelons, à propos, quelques paroles prononcées par Paul VI à Fatima lors de son pèlerinage: «La foi en Dieu est la lumière suprême de l'humanité; et cette lumière, non seulement ne doit pas s'éteindre dans le cœur des hommes mais, au contraire elle doit se ranimer grâce au stimulant apporté par la science et le progrès.»

PREMIER ANNIVERSAIRE DE NOTRE REVUE

Nous commençons la seconde année de la publication de FÁTIMA-50. Pour toute publication c'est un heureux évé-

nement, à plus forte raison pour une publication comme celle-ci. Les premières et, peut-être, les plus grandes difficultés de lancement ont été vaincues. Une fois le chemin ouvert, nous espérons, avec l'aide de nos lecteurs et abonnés, continuer à être un héraut du Message de Notre-Dame de Fatima. C'est le but de notre publication. Durant l'année du Cinquantenaire, à côté des articles qui nous ont parlé de ce message, on a fait ressortir tout ce qui s'est réalisé ici pour commémorer la venue de Notre-Dame sur la Terre Portugaise. Dorénavant, comme est naturel, nous ferons ressortir davantage ce qui constitue la valeur fondamentale de Fatima, son message de pénitence et de prière pour la paix.

LES ECRITS SUR FATIMA

Par souci de justice et par devoir de gratitude nous publions dans ce numéro une lettre ouverte de notre estimé collaborateur, le chanoine Barthas, au R. P. Laurentin, à propos de paroles insidieuses qui font baisser la réputation d'authenticité de l'oeuvre de notre distingué écrivain de Fatima.

C'est parce que l'oeuvre du chanoine Barthas sur Fatima est absolument valide, critique et historique que nous publions les arguments avec lesquels l'auteur défend noblement la vérité et la sincérité de son important travail de plusieurs années de sacrifices et de dévouement à la cause de l'exaltation de la Mère de Dieu et de la divulgation de son message de paix, d'amour et de miséricorde. Le Chanoine Barthas a été, dans le Monde entier, un vrai pionnier pour faire connaître Fatima et sa doctrine. Beaucoup d'écrivains de Fatima ont du consulter ses oeuvres et lui doivent leur première impulsion.

EN VUE D'UNE DEFINITION DE LA PAIX SELON LE MESSAGE DE FATIMA

Le troisième article sur ce sujet est consacré à la pensée de Paul VI. Les documents de ce Pontife sur la Paix sont très abondants. Ceux qui sont le plus directement liés à la définition de la Paix sont, sans doute, les discours prononcés à propos de son pèlerinage à la Cova da Iria dans lesquels il est clairement affirmé que la prière et la pénitence sont parties intégrantes de la Paix et par conséquent sont à la base d'une définition valide. Mais, après une étude détaillée l'Auteur se réfère à beaucoup d'autres documents, comme le discours prononcé par Paul VI aux Nations Unies, le discours aux Pères Conciliaires, l'annonce du Jour de la Paix, le Radio-Message de Noël et l'Homélie de Noël 1967, ainsi que le discours du premier jour de l'an 1968 et également l'Encyclique *Populorum Progressio*. L'Auteur résume cet article par la définition suivante: «La Paix est le développement harmonieux de tous les Peuples, dans la solidarité des Peuples riches avec ceux qui sont moins favorisés, sous l'inspiration de la fraternité et de la justice, avec l'aide de Dieu, Père infiniment bon et miséricordieux qui, par l'intermédiaire de Sa Mère venue rappeler à la Terre les principes de base de l'harmonie chrétienne, accourt à l'aide de tous les hommes de bonne volonté, Ses Fils.»

Francisco Pereira de Oliveira

A Exposição Filatélica que, nestes dias, se abriu ao público, na Cova da Iria, despertou o mais vivo interesse dos filatelistas inscritos e deu-lhes aso a manifestarem os seus profundos sentimentos cristãos e devoção a Nossa Senhora. Muitos deles terminavam as suas cartas de pedido de inscrição, com estas palavras: «Para a maior glória de Deus e da Bem-aventurada Virgem Maria».

O senhor Bispo de Leiria que é Presidente da Comissão de Honra, dirigiu à Comissão Organizadora as seguintes palavras: «Gostosamente venho dar a minha palavra de aprovação e autorização à interessante iniciativa que é a Primeira Exposição Filatélica de Temática Mariana, integrada no Cinquentenário de Fátima. E faço, desde já, os melhores votos de pleno êxito para glória de Nossa Senhora, Mãe da Igreja».

Estão expostos selos do Mundo inteiro sobre os mais vários temas marianos, tais como: «A Vida de Maria», «Nossa Senhora no Selo Postal», «A Virgem Maria na Marcófilia», «Argentina Mariana», «Maria na Bíblia», «Ano Mariano», «O Santíssimo Rosário», «A Virgem na América», «Consolatrix Afflictorum», «Auxilium Christianorum», «Santuários Marianos», «Maria, a Virgem Santíssima nos Selos do Brasil», «Mater Dolorosa», «Nossa Senhora nos Selos Portugueses», «Maria, nós Te saudamos», «Nossa Senhora e os Mestres da Pintura», «O Cinquentenário de Fátima», «Mensagem de Fátima», «Fátima, Esperança do Mundo», «Angelus Domini nuntiavit Mariae», etc.



Inscreveram-se 70 filatelistas, sendo 30 portugueses e 40 estrangeiros. Estão representados os seguintes países: Alemanha, Argentina, Áustria, Bélgica, Brasil, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos da América do Norte, Itália, Suíça, além de Portugal.

Os selos que ocupam todo o Pavilhão que desde o ano passado serviu para a Exposição «50 Anos de Fátima» e estão distribuídos por mais de 300 quadros.

Muitas das colecções expostas são-no pela primeira vez, outras foram já premiadas em diversas exposições.

Entre os expositores deve salientar-se a presença do Ministério do Ultramar que enviou para a Exposição vários quadros com os selos de Nossa Senhora emitidos para as Províncias Ultramarinas por altura da peregrinação da «Virgem Peregrina», durante o Ano Santo e no actual Cinquentenário.

O tema central da Exposição, é: «Maria Mater Ecclesiae», Maria, Mãe da Igreja.

SUMMARY

FATIMA AND FAITH

A mysterious passage from Sister Lucia's manuscripts, in which she reveals part of the secret confided to the seers by the Mother of God, tells us that «Portugal will always preserve the dogma of the faith...» What a consoling hope in the world of today, so shaken by doubts. We are now celebrating the Year of Faith. Fatima is like a torchlight that illuminates our faith, as it presents Our Lady to us as a model of our faith. It was of Her that Saint Elizabeth said: «Blessed are you that has believed!» In fact, it was because of her faith that the Virgin Mary merited to be the Mother of God. And by faith too, She continues to be our Mother, whom we ought to imitate.

In this regard, let us recall some words pronounced by Pope Paul VI in Fatima during his pilgrimage: «Faith in God is the supreme light of humanity; and this light not only must never be extinguished in the hearts of men, but must renew itself through the stimulus which comes from science and progress.»

FIRST ANNIVERSARY OF OUR PERIODICAL

We are entering on the second year of our publication of FATIMA-50, a happy event for any publication, but with much greater reason for a

publication such as this. The first, and perhaps greatest, difficulties have been overcome. The way is now open to continue, we hope, with the help of our readers and supporters, to be a herald of the Message of Our Lady of Fatima. This is the purpose of the publication. During the Golden Jubilee Year, we have endeavoured to portray this Message by articles written about it, and all the splendour of events which took place to commemorate the coming of Our Lady to the Land of Portugal. Henceforth, greater attention will be given, as is natural, to what constitutes the fundamental value of Fatima, its message of penance and prayer for Peace.

WRITINGS ABOUT FATIMA

In justice and out of a debt of gratitude, we publish in this number an open letter from our esteemed collaborator, Canon Barthas, to Rev. Fr. Laurentin, regarding some insidious words which place the work of our distinguished Fatima writer on a lower plane as regards authenticity. Because the work of Canon Barthas on Fatima is absolutely valid, critically and historically, we publish the arguments which the Author uses to worthily defend the truth and sincerity of his deserving work of many years of sacrifice and dedication to the exaltation of the Mother of God and the publicizing of Her Message of peace and love and mercy. It was Canon Barthas who was a real pioneer, through the whole world over, in the knowledge of the things of Fatima and its doctrine. Indeed many writers on Fatima have had

to consult his works, and to him they owe the first inspiring impulse.

TOWARDS A DEFINITION OF PEACE ACCORDING TO THE MESSAGE OF FATIMA

The third article on this subject is devoted to the thought of Pope Paul VI. The documents of this Pontiff about Peace are most abundant. Those which are most directly connected with the definition of Peace according to the Message of Fatima are, without doubt, the discourses pronounced with reference to this pilgrimage to the Cova da Iria, in which His Holiness affirms very clearly that prayer and penance belong to the essence of Peace and are, therefore, the basis for a valid definition. But there are many more documents to which the Author refers, after a detailed study, such as the discourse pronounced by Paul VI in the United Nations, the address, to the Conciliar Fathers, the announcement of a Day of Peace, the Christmas Radio message and the Christmas homily of 1967, as well as the 1968 New Year address, and still further the Encyclical «Populorum Progressio». The Author resumes this article with the following definition: «Peace is the harmonious development of all peoples, in the solidarity of the rich nations with those less favoured, in the inspiration of fraternity and justice, with the help of God, our most merciful and good Father Who, through the intercession of His Mother who Herself has come to recall to the world the basic principles for Christian harmony, comes to help His children, all men of good will.»



FÁTIMA NO MUNDO

FÁTIMA NO BRASIL

Para celebrar o Dia da Comunidade Luso-Brasileira, criado por decreto de 22 de Abril de 1967 simultaneamente assinado pelos Chefes de Estado dos dois Países, em Lisboa e Brasília, deslocou-se propositadamente a São Paulo S. E. o Cardeal Patriarca de Lisboa. Acompanhou-o na histórica viagem o senhor Bispo de Leiria que era portador da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima que lá iria ser alvo da mais entusiástica homenagem que os brasileiros e a comunidade portuguesa de São Paulo e do Rio de Janeiro jamais prestaram à Virgem Maria. Os cronistas do País irmão falam dessas manifestações de piedade e fé como de actos cuja comparação apenas se pode buscar nas grandes romagens à Cova da Iria.

Por iniciativa da Associação das Emissoras do Estado de São Paulo a que o Governo Brasileiro se associou, foi promovida uma concentração gigantesca no coração da cidade de São Paulo, no Vale de Inhangabaú, onde foi levantado um altar cuja configuração é réplica da fachada e escadaria da Basilica de Fátima.

Ali foi concelebrada missa no dia da Comunidade, pelos Cardeais Gonçalves Cerejeira e Agnello Rossi, Arcebispo de São Paulo, à qual assistiram entre as mais gradas individualidades do Estado Paulista, o senhor D. João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, guardião de Nossa Senhora de Fátima. Calcula-se em mais de milhão e meio o número de pessoas que assistiram ao solene acto, bem assim como à recitação do terço, à noite, e a um espectáculo condigno de luz e som em que participaram as mais cotadas bandas de música da cidade e afamados pirotécnicos em sessão deslumbrante de fogo de artifício.

A Imagem da Virgem Peregrina, conduzida desde Lisboa a São Paulo num avião foi recebida na catedral paulistana e de lá conduzida, posteriormente, para o Vale de Inhangabaú, sendo depois levada a Santos onde lhe foram prestadas semelhantes homenagens.

De como decorreu a homenagem prestada à Virgem Maria no Rio de Janeiro dá-nos conta uma reportagem da ANI que transcrevemos:

Terminou hoje a visita de quatro dias da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, que o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira e D. João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, acompanharam ao Brasil, e que esta manhã chegou ao Rio vinda de S. Paulo e de Santos, pelas 10 horas e 30, num avião especial.

O primeiro a desembarcar do avião foi o Cardeal Cerejeira, que foi recebido com aclamações pelas pessoas que o aguardavam no aeroporto Santos Dumont.

Em seguida desembarcou o embaixador de Portugal, dr. José Manuel Fragoso.

A imagem da Virgem, recebida com palmas e orações, foi transportada aos ombros dos carregadores do aeroporto, que fizeram questão em a conduzirem até ao carro do Corpo de Bombeiros, passando-a então ao cuidado dos bombeiros.

Ainda no aeroporto, o Cardeal Cerejeira foi cumprimentado, ao descer do avião, pelo Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro. Também ali se encontravam chefes da colônia portuguesa e autoridades brasileiras. Representando o ministro das Relações Exteriores estava o embaixador Eulálio do Nascimento Silva.



No salão da aerogare estavam mais de trezentas pessoas, na sua maioria portuguesas, muitos com fatos regionais, representando várias agremiações, como a Casa do Porto, a do Minho, da Beira e outras.

A imagem foi colocada num carro aberto do Corpo dos Bombeiros e levada para a igreja de Fátima, na Rua do Riachuelo, onde ficou até hoje às 16 horas, visitada por milhares de fiéis.

Às 11 horas houve missa no templo, concelebrada pelos Cardeais Cerejeira e Câmara e pelo Bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio.

Os dois Cardeais almoçaram no Seminário de São José do Rio Comprido, em companhia do Bispo de Leiria, e de outros dignitários da Igreja.

A imagem de Nossa Senhora de Fátima foi levada novamente do seu templo, nesta cidade, para o aeroporto internacional do Galeão, às 16 horas, com a partida prevista para Lisboa às 17 horas e 10.

É da mesma Agência uma notícia sobre os ecos da Imprensa carioca:

Todos os jornais do Rio de Janeiro dedicam grande espaço à passagem por esta cidade do Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, e da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima.

Todos os diários publicam a notícia na primeira página e todos eles com fotografia. O «Jornal do Brasil», sob o título «O carinho da cidade», publica a imagem da Santíssima Virgem ladeada pelos Cardeais Cerejeira e Jaime Câmara. A «Tribuna da Imprensa» representa-a desfilar pelas ruas da cidade, no carro aberto dos bombeiros.

O embaixador de Portugal, dr. José Manuel Fragoso, afirmou à Imprensa internacional que a manifestação de fé do povo brasileiro, a que assistiu em S. Paulo, durante a visita do Cardeal Cerejeira e da Imagem Peregrina da Virgem de Fátima, só é comparável às peregrinações que se realizam na Cova da Iria.

Durante as cerimônias de despedida, no Aeroporto do Galeão, entre as organizações portuguesas do Brasil, com seus estandartes, estiveram presentes delegações da «Banda Portugal» e da «Casa dos Poveiros».

Antes de partir para Lisboa, o Bispo de Leiria, senhor D. João Pereira Venâncio, que acompanhou nesta viagem o Cardeal Cerejeira e a Imagem da Virgem, fez questão de apresentar ao jornalista Oacy de Sá, que representava a A.N.I., o barão João Joaquim de Loureiro e o dr. Manuel Cravo, os quais trouxeram para o Brasil a primeira imagem de Nossa Senhora de Fátima, no ano de 1929, a que se encontra hoje na igreja do Santo Cristo dos Milagres, no Rio de Janeiro.

Aquele jornalista fizera a reportagem da primeira procissão de Nossa Senhora de Fátima na Guanabara, em 1932, durante a qual a imagem percorreu o bairro do Santo Cristo, no Rio.

Ao regressar a Portugal o Senhor Cardeal Patriarca expressou-se com entusiasmo sobre as jornadas que acabava de viver:

«Regresso de uma viagem, sob a égide de Nossa Senhora de Fátima, a São Paulo, em comemoração do Dia da Comunidade Luso-Brasileira.

«Ao evocar os grandes acontecimentos de que fomos testemunhas, não pode o meu coração deixar de ir para o povo brasileiro que, como nós, sentiu o que representa, de esperança para o Mundo, a Imagem Peregrina, numa hora que não será de guerra, mas não é de paz. E a imagem de Fátima é uma promessa de paz para o Mundo.

«Rendida esta homenagem ao Brasil, eu devo acrescentar que ficámos deslumbrados — vimos Fátima em São Paulo. Vimos uma multidão enorme, calculada em um milhão e quinhentas mil almas e, também, como em Fátima, durante larga parte da noite, a pé — a pé firme —, cantando, rezando, invocando que a Senhora de Fátima estendesse o Seu manto sobre Portugal e o Brasil.

«Já agora, visto que tenho a alegria de ver aqui o presidente da TAP, eng. Vaz Pinto, queria dizer-lhe uma palavra da nossa alegria por utilizarmos a nossa grande empresa de aviação, sobretudo pela perfeição dos serviços e até por este jeito tão humano que, creio, o é igualmente português e brasileiro, de tratar com uma humanidade cheia de requinte e delicadeza. Era isto o que eu queria dizer neste momento em que acabo de viajar num dos aviões da TAP, ao presidente da Companhia Nacional de Aviação.

Diversos aspectos da grandiosa manifestação de devoção a Nossa Senhora de Fátima em São Paulo. Em cima, à esquerda, vista do altar réplica da Basílica da Cova da Iria.



